

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

UMA RE-INSCRIÇÃO KAFKIANA NAS DOBRAS DAS
MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Jairo de Oliveira Ramos

Recife

2010

Jairo de Oliveira Ramos

**UMA RE-INSCRIÇÃO KAFKIANA NAS DOBRAS DAS
*MEMÓRIAS DO CÁRCERE***

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito para obtenção de título de Mestre
em Letras/Teoria da Literatura.

Orientador: Lourival Holanda.

Recife

2010

Ramos, Jairo de Oliveira

Uma re-inscrição kafkiana nas dobras das Memórias do Cárcere / Jairo de Oliveira Ramos. – Recife: O Autor, 2010.

96 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Kafka, Franz - Crítica e interpretação. 2. Ramos, Graciliano - Crítica e interpretação. 3. Ficção alemã. 4. Ficção brasileira. 5. Memória. 6. Prisão. I.Título.

82.09

CDU (2.ed.)

UFPE

801.95

CDD (22.ed.)

CAC2010-98

JAIRO DE OLIVEIRA RAMOS

Uma Re-Inscrição Kafkiana nas Dobras das Memórias do Cárcere

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria da Literatura, em 6/8/2010.

BANCA EXAMINADORA:

L. Holanda

Prof. Dr. Lourival Holanda
Orientador – LETRAS - UFPE

Ermelinda Maria Araujo Ferreira

Prof^ª. Dr^ª. Ermelinda Maria Araujo Ferreira
LETRAS - UFPE

Antonio Paulo de Moraes Rezende

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende
HISTÓRIA - UFPE

Bicho de 7 cabeças

É preciso fingir. Quem é que não finge, quem? É preciso fingir que está bem disposto. É preciso dizer que não tem fome. É preciso dizer que não está com dor de dente, é preciso dizer que não tá com medo... senão, não dá, não dá... Nenhum médico me disse que a fome e a pobreza podem levar ao distúrbio mental. Mas, quem não come, fica nervoso, quem não come e vê seus parentes sem comer pode ser levado à loucura. Um desgosto pode levar à loucura, uma morte na família, o abandono de um grande amor. A gente precisa fingir que é louco, sendo louco, fingir ser poeta, sendo poeta...

À memória de minha vó Zefa, minha tia Maria, à “Dí”
e aos *Gregor Samsas* espalhados em Carajás,
Candelárias e Carandirus!

Agradecimentos

Na primavera que se desenha em cada esquina do cotidiano... Agradeço imensamente à minha família, em especial, *mainha* Terezinha, no seu afável e quente pulsar de vida manifestado em cada gesto e sorriso. Aos meus irmãos, João e Tati, largo pulsar nas artérias do meu corpo e companheiros de infinitas lágrimas e festas. À Anne, todo o meu carinho e suavidade.

Aos meus amigos da UNEB-Alagoinhas, em constantes heterotopias dionisiacas. Em especial, Christopher; Wilton; José Fábio; Rogério; Ellen; Jorge-mamute; Márcio-monstro; Léo bruxo; Joctã, o velho, com as suas guitarradas *a la* Raul seixas; Corujito; Tio Igor; Drica e Pérola; André; Delmaci; Maurício, tio mau; Écristio; Erastho; Djalma; Etzslan, Tzão; Rafael-ratão; Moisés-mucha; Ricardo-cara-de-cavalo; Acássio; Claudiana; Anísio-articulado; Davi; Isis; Jaildo; Givaldo; Jusczy; Bruno; Ivesson-vissinho; Yuri –pegador; D. Eurides-auroz; Luciana; Dodô; Tôco; Sérgio e família; Jaí e família; Cristiane e D. Ivone (moram em meu peito o carinho que vocês tiveram comigo nos momentos mais difíceis de vida na residência Universitária de Alagoinhas)...Ao petrolatividade com mc Osmar. Enfim, a uma multiplicidade que age e transpira comigo nas mais variadas reverberações e urgem enquanto instinto coletivo rebelde.

Aos amigos do mestrado da UFPE, em especial, Bárbara e Michelle (amadas). Aos amigos da CEU UFPE, Lelinha, Lêda, Bruna, Jorge Maycon, Jhon, Kiko, Theodoro, Messinho, Jataúba, Fravo, Jadílson, Arleide e família.

Ao meu orientador Prof. Lourival Holanda, as articulações nietzscheanas e sua aguda crítica intempestiva; à Professora Ermelinda Ferreira, aquela que chega e decide!

Ao Prof. Osmar Moreira e à Profa. Jailma Pedreira, devir revolucionário intenso... Ao farfalhar dos ventos nas árvores com os cheiros dos canteiros de jasmim e camomila... Aos *quintanares* que se tornaram aliados com a intensidade de suas grafias poéticas, principalmente nos momentos de áridas depressões: “*Eu venho sempre à tona depois de todos os naufrágios*”...

Resumo

As instituições carcerárias se exercem como espaço extralegal sujeito ao arbítrio do poder, constituindo por excelência o primeiro elo das instituições concentracionárias. Partindo desta premissa, trata-se de pensar uma literatura menor *Kafkiana*, especialmente a novela *Na Colônia penal* e suas singularidades (desterritorialização da língua, agenciamento coletivo de enunciação e imediato político) nas malhas das *Memórias do cárcere*. Neste sentido, é um pensamento que mobiliza inicialmente Kafka e Graciliano Ramos enquanto escritores que fazem da produção literária uma relação imanente com o corpo. Ou seja, fazem da esqualidez, da magreza corporal a passagem de devires inauditos que um corpo petrificado de saúde dominante impossibilita. Posteriormente, por serem autores que ao conjugarem ficção, história e memória, pensam uma relação “umbilical” entre história e literatura para desacoplarem as subjetividades dos emparedamentos disciplinares. Assim, nesta relação rebelde entre história e literatura, há um alargamento das tensões do cárcere, possibilitando ao leitor além de um lugar privilegiado para uma crítica não somente do universo carcerário e a uma secular cultura arbitrária, como também a possibilidade de estilhaçar o Estado quando este se encontra mais enraizado em sua subjetividade. Por isso, apesar de todos os encerramentos, a prisão não é um mundo fechado e subtraído, mas um espaço que mesmo no esmagamento da máquina, brotam vidas que ativam uma micropolítica, um nó de interações maquínicas que questionam os aprisionamentos disciplinar e discursivo. Neste sentido, uma re-inscrição *Kafkiana*, em especial *Na colônia penal* nos fios das *Memórias do cárcere*, passa antes de tudo pela crítica afirmativa da linguagem. Esta, atravessada por relações de força. Deste modo, a re-confecção literária nas *Memórias do cárcere* com Franz Kafka nos faz pensar neste subsolo da língua, no imediato político, nas agitações dentro desta língua, no impuro, no informe, nas intermitências, no devir-outro da língua, aonde a vida e o real vão sendo esculpidos, nos enfrentamentos com o poder.

Palavras-chaves: literatura menor; micropolítica; devir, memória, prisão.

Resumen

Las instituciones carceleras se constituyen cómo un espacio extralegal sometido al poder arbitrario, dónde se establece el primer vínculo con las instituciones centralizadoras. A partir de esa noción, se pretende pensar una literatura menor *kafkiana*, realizando un análisis de las singularidades de la narrativa *La colonia penal* (la desterritorialización de la lengua, el agenciamiento colectivo de la enunciación y el inmediato político) en la tesitura de *Memórias do cárcere*. En ese sentido, será un pensamiento que moviliza Kafka y Graciliano Ramos cómo escritores que hacen de la producción literaria una relación inmanente con el cuerpo. De esta manera, ellos crean a través de la debilidad corporal extrema estados de devenir insoportables que cualquier cuerpo gordinflón por supuesto haría bloquear. También, porque son autores que conyugan ficción, historia y memoria, lo que posibilita una relación umbilical entre historia y literatura capaz de desacoplar las subjetividades de los emparedados disciplinarios. Así, en esa asociación rebelde entre literatura e historia se puede mirar un alargamiento de tensiones de la cárcel, que permite al lector un lugar privilegiado para criticar el universo carcelar y su secular cultura arbitraria, y sobretudo la posibilidad de despedazar el Estado cuando este se encontrar más amenazadoramente aferrado a su propia subjetividad. Por eso, no obstante todos los encerramientos, la prisión no es simplemente un mundo cerrado y sustraído, pero en efectivo constituye un espacio dónde resisten vidas que activan una micropolítica, un nodo de interacciones maquinarias que cuestionan los aprisionamientos disciplinarios y discursivos. De este modo, hacer una re-inscripción kafkiana en los hilos narrativos de las *Memórias do cárcere*, es recorrer a una crítica afirmativa del lenguaje: atravesada por relaciones de fuerza. Finalmente, la re-confección literária de las *Memórias do cárcere* a través de Franz Kafka nos hace pensar en ese subsuelo de la lengua, en el inmediato político, en las inquietudes dentro de esta lengua, en la impureza, en lo informe, en las intermitencias, en el devenir-otro de la lengua, dónde la vida y lo real son entallados en los enfrentamientos con el poder.

Palabras-clave: literatura menor; micropolítica; devenir; memoria; prisión.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1-Introdução: re-inscrevendo uma literatura menor nas <i>Memórias do cárcere</i> | 11 |
| 2- Flagrando uma história da violência nas prisões | 23 |
| 3- Uma escrita das <i>Memórias do Cárcere</i> : devir com a história, devir com Kafka | 28 |
| 3.1- A invenção de uma trama | 39 |
| 3.2 - Devir com Kafka: acontecimentos e rizomas | 44 |
| 4 - Entre as <i>Memórias do cárcere</i> e <i>Na colônia penal</i> : escrever enquanto magreza, enquanto corpo em devir nas agulhas do rastelo | 55 |
| 4.1 - <i>Na colônia penal</i> , ramificando o cárcere indelével | 62 |
| 5 - Micropolítica, devir revolucionário e fagulhas no cárcere | 72 |
| 6 - Considerações finais | 85 |
| 7. Referências bibliográficas | 91 |

1. Introdução : Re-inscrevendo uma literatura menor nas *Memórias do cárcere*

Ativando uma crítica produtiva ao tecido literário, as teorias consideradas “pós-estruturalistas”, com Jacques Derrida na *Escritura e a Diferença*¹, com Michel Foucault no ensaio *Representar* do livro *As palavras e as Coisas*² e o prefácio de *Sarracine-S/Z* de Balzac escrito por Roland Barthes³, pensam que os discursos e o fazer literatura afirmam-se por uma interlocução de vozes, pela re-inscrição nas lacunas do texto, pela mobilidade do leitor que transita por múltiplos espaços do saber. Por isso, a literatura desponta como uma nova modalidade do pensamento, as metáforas, imagens e experiências do espaço ficcional deslocam-se para tornarem-se conceitos. Neste sentido, deslocam-se os pressupostos teóricos e críticos que objetivavam estancar os jogos das relações ou inter-relações contidas no texto literário, o saber contemporâneo sobre a literatura- como de maneira mais ampla, sobre a linguagem- constrói-se na polissemia, afirmando a diferença heterotópica que o texto potencializa.

Neste trajeto, no século XIX, uma literatura mimetizada pelo cientificismo despontava enquanto paradigma que desejava a semelhança entre o mundo descrito em suas páginas e o discurso sobre ele, todavia, se a arte literária considerada realista buscava legitimar seu discurso através do empirismo, em seu valor verificável, temos com Paul Valéry, uma reinterpretação deste paradigma para afirmar outra relação com a poética.⁴ Assim, empreendendo este pensamento a partir do comentário de seu poema *O cemitério marinho*, Valéry acentua o seguinte:

Quanto à interpretação da letra, já me expliquei antes sobre este ponto; mas nunca será demais insistir: *não há sentido verdadeiro de um texto*. Não há autoridade do autor. Seja o que for que tenha *pretendido dizer*, escreveu o que escreveu. Uma vez publicado, um texto é como uma máquina que qualquer um pode usar à sua vontade e de acordo com seus meios: não é evidente que o construtor a use melhor que os outros. Além disso, se ele conhece bem o que quis fazer, esse conhecimento sempre perturba, nele, a perfeição daquilo que fez. (VALÉRY, 1991, p. 176).

¹ DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1971.

² FOUCAULT, Michel. *Representar* ____ in: *As Palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

³ BARTHES, Roland. *SZ*. Trad, Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1970.

⁴ VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo, Iluminuras, 1991.

Este pensamento de Valéry opera uma mudança fundamental na reflexão com a poética. Ou seja, não está em jogo a sinceridade do espírito romântico, nem a vontade de verossimilhança de uma literatura realista excessivamente empirista, mas uma reversão do questionamento. Assim, antes do leitor de perguntar *o que o autor quis dizer* indaga-se *o que o autor faz com as palavras, como ele constrói seu texto?* Neste aspecto, procura-se no texto sua obliquidade, seu olhar de soslaio, em que o leitor ao invés de embrutecer-se em buscar *a verdade* do texto, vai conviver com as palavras podendo construir movimentos com as elas, pois, segundo Cássia Lopes⁵,

“não é necessário ser alguém para produzir um enunciado, pois este não deve remeter a um sujeito específico, transcendental, ou a um ente que tenha pronunciado o verbo pela primeira vez. Escrever, no campo literário, seria viver em um espaço onde o anonimato se constrói positivamente. Dispõe-se da linguagem numa ausência, e este anonimato não impede o discurso de expandir-se, ao contrário, propicia o surgimento das vozes literárias”(LOPES,1999,p.40).

Afirmando esta posição do leitor, mesmo sendo provisória e por vezes precária, trata-se de fazer deste encontro com a palavra, desse modo de lidar com o texto com sua irrefreável máquina de sentidos, um lugar da perambulação, da multiplicidade, estampando e demarcando- jamais petrificar- zonas históricas, imaginárias, geográficas, lingüísticas, etc., contidas na ficção e nas produções culturais. Por isso, a produção de um pensamento que faça funcionar Franz Kafka com Graciliano Ramos é para ativar um artesanato e um maquinismo ao mesmo tempo. “De um lado, a escassez, a combinação de elementos aleatórios, a complementaridade, e de outro o peso da teoria e a reprodução em série. A conjunção “e”, em lugar da disjunção “ou”, parece mais afinada com a lógica do suplemento, a produção de sentidos e a emergência do múltiplo”(MOREIRA,2002,p.13-14)⁶. Por isso, fazer do texto *Kafkiano* uma

⁵ LOPES, Cássia. *Um olhar na neblina; um encontro com Jorge Luís Borges*. Salvador: Secretaria da Cultura e turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

⁶ MOREIRA, Osmar. *Folhas venenosas do discurso*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2002. Temos nesse livro, as linhas vitais de um manifesto libertário-intempestivo na (contra)cultura e o sentimento literário como *máquina de guerra* em favor das minorias.

ramificação com fios de outra máquina literária, significa pôr em jogo um pensar que possibilite outra imanência de leitura nas *Memórias do Cárcere*⁷.

Neste pensar, o que seria produzir, proliferar sentidos da ficção kafkiana, em especial a novela *Na colônia Penal* com as *Memórias do Cárcere*⁸? É mais que simplesmente comparar: é pôr em relação alguma coisa de Kafka com alguma coisa das *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos e produzir fulgurações. Neste sentido, trata-se de ramificar a novela kafkiana em outras dimensões fazendo-a saltar de uma *linha torta* para outra, mesmo que seja de natureza totalmente diferente, descentrando-a na linha de outros registros, fazer as intensidades do texto revezarem-se mobilizando a desterritorialização para terras cada vez mais distantes, chegando a metamorfosear-se ao conectarem-se com outras escrituras, adquirindo um agenciamento com as *Memórias do cárcere*. E não estamos falando de encontrar paralelismos, semelhanças, imitações e sínteses com este descentramento, até pelo risco de derraparmos numa dialética ou num hegelianismo subjacente, mas intensificar os encontros sem estar submetido ao que quer que seja de significante. Assim, “essa relação refuta completamente a idéia de que “comparar” é voltar-se para a “busca de analogias”, ou seja, estabelecer as fontes e determinar as influências, o débito e o crédito, os paralelismos, a semelhança do texto influenciado, como elementos constitutivos do valor crítico”(MOREIRA,2002,p.15).

Por uma imposição, uma arbitrariedade, Graciliano Ramos foi encarcerado, vivendo situações aviltantes com percevejos, baratas, inanição, sufocamentos em porões de navios “sem falar na tortura física e em forma repulsivas de perversão, que presenciou ou pressentiu”(CANDIDO,2006,p.126). Dedicou-se a *testemunhar* dez anos após a sua saída das celas, fazendo dessa experiência em espaços concentracionários uma narrativa visceral, intensificando poderosamente uma luz sobre a nossa realidade

⁷ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere* [supervisão e posfácio pelo professor Wander Melo Miranda]. 44ªed. Rio de Janeiro: Record,2008. Todo este trabalho de dissertação com suas citações, comparações e análises partem desta versão publicada.

⁸ Preso em 3 de março de 1936 em Alagoas sem julgamento ou qualquer acusação tipicamente formal, Graciliano Ramos, depois de dez anos começa a traduzir esta experiência durante os 10 meses(3 de março de 1936 até 13 de janeiro de 1937) em que esteve confinado. Esta tradução resulta no livro *Memórias do cárcere*. Por isso, como relata no início do livro: “Quem dormiu no chão deve lembra-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze”(RAMOS,2008,p.12-13).

de tempo, em que, ao contrário do que se pensava que o (Neo)liberalismo e o Estado Republicano iriam inaugurar escolas na perspectiva de descerrar as prisões aconteceu um século povoado de explosões totalitárias.

Nesse pensamento, é fundamental para intensificar uma interpretação das *Memórias do cárcere* numa leitura Kafkiana definir um lugar de fala. Por isso, nos propomos a falar a partir do lugar da fabulação, da descontinuidade, da minoração da língua, do rizoma, do devir para não estarmos estratificados num campo disciplinar do tempo e do espaço, já que, trata-se de “linhas de fuga, sair da literatura brasileira e circular pela comparada, pelos estudos culturais, pela etnologia, filosofia, história, esquizoanálise, deixando pegadas e trilhas de um nomadismo que recoloca a questão da relação entre o poder e o saber e produza um brilho de vida nesse permanente movimento de fuga” (MOREIRA, 2002, p.15). Desse modo, não iremos circunscrever as *Memórias do cárcere* numa realidade histórica, na verossimilhança com o Estado Novo, até porque, por esse lugar de fala entendemos que as *Memórias do Cárcere* parte, segundo Wander Melo Miranda⁹, que o sujeito e a realidade que vive são produzidos por “superposição de múltiplas camadas de linguagem e já mediados por elas, antes de toda e qualquer representação. Passa a haver representação em “abismo”, em “pontes”, em constante remissão intertextual”(MIRANDA, 2009, p.62). Assim, não se pretende realizar uma análise do “calor histórico” do Estado Novo (1930-1944), mas realizar uma leitura desta obra a partir do um método *Kafkiano* de interpretação flagrando as potencialidades de uma *literatura menor*¹⁰ nas *Memórias do cárcere*.

Mas, que literatura menor é essa? De que fermentação acontece esta literatura menor em Kafka?

Kafka define, nesse sentido, o beco sem saída que barra aos judeus de praga o acesso à escritura e que faz da literatura deles algo impossível: impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira. Impossibilidade de não escrever porque a consciência nacional incerta ou oprimida (“a batalha literária adquire uma justificação real na maior escala possível”). Impossibilidade de escrever de outra maneira que não em alemão é para os judeus de Praga o sentimento de uma distância irredutível em relação a uma territorialidade primitiva, a tcheca. E a impossibilidade de escrever em

⁹ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. 2ªed.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,2009.

¹⁰ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *A literatura menor*. In____*Franz Kafka: por uma literatura menor*.Trad. Júlio Castañon Guimarães.Imago,Rio de Janeiro,1977.pp.25-42.

alemão é a desterritorialização da própria população alemã, minoria opressiva que fala a língua afastada das massas, como “uma linguagem de papel” ou artificial; tanto mais os judeus que, ao mesmo tempo, fazem parte dessa minoria e dela são excluídos, como “ciganos que roubaram do berço a criança alemã”. Em resumo, o alemão de Praga é uma língua desterritorializada, própria a estranhos e usos menores(DELEUZE e GUATTARI,1977,p.25-26).

Nessa agitação do judeu-tcheco dentro da língua maior-alemão, vive-se numa fuga em que aparece a chaga da escrita alemã hegemônica, ao mesmo tempo, essa fuga(do modo em que um tubo foge) inventa um povo menor fazendo da literatura uma fresta para respirar e proliferar alegrias. Até porque, *uma literatura menor não é a uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior*¹¹. Com efeito, o que seria essa literatura menor nos registros das *Memórias do Cárcere*? Ela daria conta do político? O acontecimento literário seria um ponto no quais outros estudos se dobrariam? Articulando capítulo *a literatura menor*, acionamos os seguintes elementos de força¹²:1) a linguagem, 2)o coletivo,3) o político-imediato. Com a *linguagem*, articulamos a tensão entre o som e o sentido, - *a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização*¹³- tensão pela qual qualquer hegemonia cultural ou representação hegemônica de um povo seria questionada e re-inventada pela doação e proliferação de sentidos. Todavia, não é necessariamente a substituição do som pelo sentido, mas desativar uma interpretação paranóica internalizada por discursos de aprisionamento discursivo e disciplinar fazendo ramificar línguas e brechas para rebentos de vida.

Em relação ao *coletivo*, *a literatura tem a ver é com o povo*¹⁴, isso porque, devido a raridade de talentos, o que o escritor sozinho enuncia já constitui uma palavra coletiva, um jogo entre “uma enunciação individuada” e “uma enunciação coletiva” e realizando na literatura o espaço da solidariedade, apesar do ceticismo daqueles que se encastelam no *ego* do *Eu* autor. Se o escritor encontra-se à margem ou deslocado de sua frágil comunidade (tanto Kafka como Graciliano se inserem nessa frágil comunidade: judeu-

¹¹ Idem,p.25.

¹² Idem,p.25-42.Temos nesse texto as linhas imprescindíveis para mobilização conceitual e prático entre Kafka e Graciliano.

¹³ Idem,p.25.

¹⁴ Idem,p.27. Journal, 25 de dezembro de 1911,p.181: “ A literatura tem menos a ver com a história literária do que com o povo.”

tcheco numa Praga alemã e seu Eros nazista, e um prisioneiro-escritor, ex-prisioneiro-escritor no rebotinho social), essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de outra sensibilidade. Que esteja claro segundo Osmar Moreira¹⁵,

Que não se trata da vontade de representação totalitária típica do realismo socialista, mas de um maquinismo do texto literário capaz de se distribuir no campo da cultura, de combater as formas de o inventar(um povo) e que o autor seja capaz de abrir mão da ficção pessoal, investindo um duplo dever: o autor dá um passo rumo a suas personagens, mas as personagens dão um passo rumo ao autor(MOREIRA,2002,p.20).

Pensando o *político*, pode-se dizer que na *literatura menor tudo é político*,¹⁶ pois, são atos moleculares agitando-se nas ramificações do Estado e em seu desejo fascista. *O caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele*¹⁷. É importante pontuar, que o imediato político não está ligado ao superficial em sua afirmação comum, e sim à *vontade de potência, ao acontecimento, a intempestividade*.

Além desses elementos de força da literatura menor, a fabulação das prisões também é um apriori deste trabalho. Um apriori que não é um “vôo” sem marcas, mas uma dimensão de espaço marcado por cicatrizes, pelas marcas do aprisionamento discursivo e disciplinar. Assim, segundo Foucault, antes da realização de cartas régias e todo aparelho jurídico encarregado de exercer um sistema de ordens e obediência, as formas carcerárias e seus artifícios policiais estão embutidos na língua e suas relações de força, no modo de significar o real, na imanência cotidiana da cultura com todos os dispositivos disciplinares encenados na família, nas ruas, fábricas, escolas, hospícios, prisões¹⁸. Enfim, a malha do Estado se traduz não como um ponto localizado institucionalmente, mas ramificado no dia-a-dia das relações.

Diante destes pensamentos, algumas indagações se fazem pertinentes: Porque a escolha da prisão? Porque Kafka com Graciliano Ramos como ponto de partida? O que o pensamento literário pode ter de produtivo neste encontro?Primeiramente, por serem

¹⁵ MOREIRA, Osmar. *Folhas venenosas do discurso*. Salvador:UNEB,Quarteto,2002.

¹⁶ Idem,p.26.

¹⁷ Idem,p.26.

¹⁸ Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Graal. São Paulo, 2007.

escritores que fazem da produção literária uma relação imanente com o corpo. Ou seja, “do que viu e escutou, das coisas demasiado grandes para ele, demasiado fortes (...) cuja passagem o esgota, e que lhe dá, no entanto, devires que uma grande saúde dominante tornaria impossíveis”(DELEUZE,2007,p.15)¹⁹. Posteriormente, por serem autores que ao conjugarem ficção, história e memória alargam as discussões do cárcere, possibilitando ao leitor além de um lugar privilegiado para uma crítica sólida não somente do universo carcerário e a uma secular cultura arbitrária, como também a possibilidade de estilhaçar o Estado quando este se encontra mais enraizado em sua subjetividade.

Em seguida temos o seguinte deslocamento do pensamento: considerando seus perversos cerramentos ao arbítrio do poder, espaço extralegal firmando-se por excelência como elo estratégico dos campos de concentração²⁰, a prisão não é um mundo esquecido e fechado politicamente como se pensava²¹. Então, se a revolta dos homens livres pode estimular a dos encarcerados, como seria pensar o inverso? Posteriormente, seguindo uma leitura palimpsesta de Franz Kafka, em especial *Na colônia penal* com as *Memórias do cárcere* temos uma crítica afirmativa da linguagem. Esta, atravessada por relações de força. Deste modo, a re-confecção literária em Graciliano com Franz Kafka nos faz pensar neste subsolo da língua, no imediato político das agitações dentro desta língua, no impuro, no informe, nas intermitências, no devir, aonde a vida e o real vão sendo esculpidos nos enfrentamentos com o poder.

Urge uma pontualidade com o texto literário: que tipo de dobramento o pensamento da literatura Kafkiana ou *Na Colônia Penal* possibilita com as *Memórias do Cárcere*? Parte de um ensinamento de Merleau Ponty “visibilidade fora do olhar...o olho deixa as coisas serem vistas pela graça do ser delas” que Deleuze²² inverte radicalmente a relação entre o visível e o enunciável, assim, “em vez de uma acordo ou homologia (consonância), há um perpetuo combate entre o que se vê e o que se diz,

¹⁹ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

²⁰ PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

²¹ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. Este questionamento parte de uma leitura do ensaio *Delinquência e sistema penitenciário na França do século XIX*, da historiadora francesa, Michelle Perrot. Nela, encontramos as revoltas carcerárias e o modo como essas revoltas estão implicados com o processo revolucionário e político de Paris do século XIX.

²² DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1992.

curtos atracamentos, um corpo-a-corpo, capturas, porque nunca se vê o que se vê e nunca se vê o que se diz. É entre essas duas proposições que surge o visível, assim como entre duas coisas surge o enunciado. A intencionalidade cede lugar a todo um teatro, uma série de jogos entre o visível e o enunciável. Um racha o outro. Um dobra o outro”(DELEUZE,2008,p.133).O símbolo é interpretação de outro símbolo neste jogo de superfície, e não uma metafísica platônica²³.Por isso, no bojo dessa premissa Deleuziana, nesses atracamentos, o encontro *Na colônia penal* com as *Memórias do cárcere* é para tensionar *a malha literária* na sua experiência com espaços concentracionários e as vidas que ali vivem diariamente com a morte. Neste sentido, como pondera Antonio Candido em *Ficção e Confissão*²⁴:

Em relação ao sistema formado pelas suas obras, *Memórias do cárcere* constitui um outro tipo de experiência, favorável à sondagem do homem. Foi como se, revistas certas possibilidades de experimentar ficticiamente, Graciliano houvesse obtido a possibilidade de experimentar de fato, à custa da integridade física e espiritual, dele e dos outros. A prisão atirou-o nessa franja de inferno que cerca a nossa vida de homens integrados numa rotina socialmente aceita; franja que em geral só conhecemos por lampejos, e da qual nos afastamos, procurando ignorá-la, a fim de pacificar a nossa parcela de culpa. Que é permanente inferno dos outros, dos seres condenados à anomia moral, ao crime, à prostituição, à fome- e dos que delegamos para contê-los, para se contaminarem na mesma chama que os devora e de que tentamos nos preservar.(CANDIDO,2006,p.125)

É neste dobramento, no “combate entre o que se vê e o que se diz” que a literatura ocupa um lugar nobre, pois, diante destas instituições de esmagamento, ela vai penetrar antecipando lágrimas, explosões, cansaço e até alegrias, conseguindo colocar em cena o que não aparecia por conta de uma armadilha do poder e do apagamento dos arquivos, da turvação das letras para continuarem sua solenidade infame em alto e baixo alarde. Todavia, este encontro de Kafka com Graciliano Ramos afirma-se numa poluição às inscrições do poder, mesmo que seja numa dimensão por vir- *a arte é um espelho que adianta, como às vezes um relógio*²⁵-. Então, esta literatura vai surgir no

²³FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*_____in: *Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1987.

²⁴ CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*.3ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

²⁵DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix .*Os componentes da expressão*.In____ *Kafka: por uma literatura menor*.Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago,1977.

que não aparece- não pode ou não deve aparecer: dizer os últimos graus, e os mais sutis, do real(...)uma obstinação em procurar o cotidiano por baixo dele mesmo, em ultrapassar os limites da linguagem, em levantar brutal ou insidiosamente os segredos, em deslocar as regras e os códigos, em fazer dizer o inconfessável, ela tenderá, a se pôr fora da lei ou, ao menos, a ocupar-se do escândalo, da transgressão ou da revolta(FOUCAULT,2006,p.220-221).

Seguindo este raciocínio, elaboramos quatro capítulos pertinentes ao que se pretende neste trabalho. No primeiro capítulo, *Flagrando uma história da violência nas prisões* operamos uma trajetória histórica da violência nas instituições de confinamento, em especial, as prisões, percebendo como o discurso disciplinar está entrelaçado com uma malha cotidiana e seu exercício de poder. Para isso, realizamos leituras dos livros *Vigiar e Punir* de Michel Foucault²⁶; *Os Excluídos da História* de Michelle Perrot²⁷; *Anarquismos e sociedade do controle* de Edson Passetti²⁸ e o livro *Kafka-Foucault sem medos*, em especial, o ensaio *Uma mecânica da dor: Kafka-Foucault e o horror ao horror*²⁹. Assim, trata-se de resenhas que vão proporcionar um melhor entendimento ESPACIAL e crítico ao que se propõe esta dissertação.

No segundo capítulo, *Uma escrita das Memórias do Cárcere: devir com a história, devir com Kafka* estabeleceu-se uma interpretação enviesando uma potência teórica das *Memórias do Cárcere*, procurando pensar uma possível construção conceitual desta obra para possibilitar além de uma crítica da linguagem, potencializar devires que circulam pelo grafismo magro, pelas “pontes” e “abismos” que ramificam-se na malha narrativa. Por isso, o enlace entre ficção e história sem os seus aprisionamentos discursivos, mas “umbilicados” possibilitam experimentar nas *Memórias do Cárcere* um labirinto ficcional, uma polissemia intertextual arruinando tudo que é sólido e rijo, estando mais conciliado com *Alice no País dos espelhos* de Lewis Carrol³⁰, com o *Coup de dés* de Mallarmé³¹ e os *corredores e portas* contíguas de

²⁶ MICHEL, Foucault. *Vigiar e punir: uma história da violência nas prisões* Trad. Raquel Ramalhete. 29ª Edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

²⁷ MICHELLE, Perrot. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁸ PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade do controle*. São Paulo, Cortez, 2003.

²⁹ *Kafka Foucault: Sem medos*. Coord. Edson Passetti, Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

³⁰ CARROL, Lewis. *Alice no país dos espelhos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

³¹ MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Organização tradução e notas de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Décio e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Kafka³² do que a profundidade do pensamento Platônico³³. Ou seja, a ficção enquanto art-atividade permanente do pensamento, transformando metáforas em conceitos para não apenas resistir às formas de brutalidade que encarceram a memória na repetição, mas de produzir, criar e proliferar fulgurações que liberem o desejo de afirmação da vida ainda emparedado pelos discursos de captura das máquinas de poder como os discursos prisões. Nesse aspecto, não se fala com o autor, mas conversa com as palavras espacejadas num devir que conjuga uma filosofia da história totalmente outra, estando muito mais próximo da descontinuidade nietzscheana no processo criador das *Memórias do Cárcere* do que a linha pré-socrática de Parmênides ou a um hegelianismo subjacente que tenta circundar a escrita de uma história³⁴. Com isso, *As Memórias do Cárcere* se apresenta para desenhar uma cartografia heterotópica³⁵ do pensamento contra a alfândega empestiada de guardas, inspetores, juízes e toda sua rede infinitesimal de acoplamento das subjetividades, que fazem da ciência um espaço de doença à medida que separa a história e a literatura daquilo que podem em sua potência rebelde.

No *devir com Kafka*, trata-se de pensar os elementos de força da literatura Kafkiana (coletivo-político-linguagem) transitando nas *Memórias do Cárcere*, possibilitando a este texto além de outra historicidade, uma literatura conciliada com um agenciamento coletivo de enunciação. Por isso, “*O caso individual se torna então mais*

³² KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. SP: Brasiliense, 1992.

³³ FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*____in: *Theatum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1987.

³⁴ FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a Genealogia e História*____in: *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p.27.

³⁵ “As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam a sintaxe, e não somente aquela que constrói as frases-aquela, menos manifesta, que autoriza manter juntas (ao lado e em frente uma das outras) as palavras e as coisas. Eis porque as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias(encontradas tão freqüentemente em Borges) dissecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases.”(Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, op. Cit., pp.8-9).

necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que outra história se agita nele”³⁶.

No terceiro capítulo, *Entre Na Colônia Penal e as Memórias do Cárcere: Escrever enquanto magreza, enquanto corpos em devir nas agulhas do rastelo* parte da premissa que o alvo do discurso disciplinar e das prisões é fundamentalmente o *corpo*, investindo em seu suplício, disciplinamento, em sua docilização e utilidade. Por isso, investimos um olhar de *como o corpo é dramatizado Na colônia Penal* de Franz Kafka e que produção de sentidos ele pode articular nas *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos. Com isso, há um agenciamento desse corpo, “*um corpo sem órgãos*” segundo Deleuze e Guattari³⁷. Nesse sentido, pensar-se-à um corpo enquanto experimental “de fluxos de intensidades, seus fluídos, suas fibras, seus contínuos e suas conjunções de afectos, o vento, uma segmentação fina, micro-percepções substituindo o mundo do sujeito por devires, devires-animal, devires-moleculares” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.25). Neste sentido, o escritor é submetido a estes afetos e criar literatura para Kafka e Graciliano é uma questão de corpo intenso, de um corpo demasiado sensível para dar passagens a estas forças. Desse modo, esse corpo-passagem, esse corpo-agenciamento opera-se na magreza e não de um corpo petrificado de saúde obesa dominante. E aqui não tem nada a ver com a obesidade biológica, mas de uma dimensão do devir.

No quarto capítulo, *Micropolítica, devir revolucionário e fagulhas no cárcere* propõem uma estética política *Na Colônia Penal* de Kafka e de que modo essa est-ética pode circular nas *Memórias do Cárcere*. Nesse sentido, questionam-se as representações políticas dos prisioneiros provenientes do realismo soviético, apontando em um falso problema a separação entre prisioneiro comum e prisioneiro político. Por isso, o vômito do condenado *Na colônia Penal* será pensado como problematização dessa separação a partir da fricção do som e sentido que poderá re-escreve a *práxis* num devir revolucionário e alcança o limiar de uma língua por vir, “pois não é uma música

³⁶DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é uma literatura menor?* In: *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.26.

³⁷ Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Como criar para si um corpo sem órgãos*.__in: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Editora 34, S/D.

composta, semioticamente formada que interessa a Kafka, mas uma pura matéria sonora intensa, sempre em relação com sua própria abolição, som musical desterritorializado, grito que escapa à significação, à composição, sonoridade em ruptura para desprender-se de uma cadeia muito significativa” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.11). Assim, é desse deslocamento do som, da desterritorialização da língua que irá afirmar um maquinismo micropolítico nas *Memórias do Cárcere* atingindo um nó de interações maquinicas que transcende “o cárcere em si” e nos proporcionam pensar aos aparelhos de Estado incrustados no modo de significar o real, bem como linhas de fuga e brilhos de vida nesta micropolítica.

2. Flagrando uma história da violência nas prisões

Pensar o nascimento da instituição prisional é o que leva Michel Foucault no livro *Vigiar e Punir*³⁸ a questionar radicalmente não somente a condição de confinamento nestas instituições, mas uma rede, uma trama de saber-poder conjugadas na sociedade. Nesse sentido, o filósofo francês acredita que esta rede de saber-poder é potencializada no real, produzindo uma série de efeitos de comportamento, inclusive na cristalização de instituições que esquadrinham os comportamentos dos indivíduos servindo de grade para informar e apreciar a realidade numa lógica punitiva. Nesse aspecto, Foucault não entende que o poder seja simplesmente centralizado no poder do Estado, não existindo sequer teoria ou “esquema” que ratifique tal intento. Ao contrário, o Estado é a tradução de uma multiplicidade como uma engrenagem. Assim, que estratégia de pensamento Foucault utiliza para chegar a “idéia” de multiplicidade ao invés de um poder centralizado no Estado? Trata-se de enxergar como discursos e os revezamentos de poder são exercidos nas relações ligadas à sexualidade, o corpo, a economia, a loucura criando na malha cotidiana efeitos de verdade e normas de sociabilidade. Por isso, que para Foucault³⁹:

Meu tema geral não é a sociedade, mas sim o discurso verdadeiro/falso permitam-se dizer que é a formação correlata de domínios, de objetos e de discursos verificáveis e falsificáveis que lhes são atribuídos. O que me interessa não é simplesmente essa formação, mas os efeitos de realidade (o sentido) que são a eles associados. (FOUCAULT, 2004, p.19)

Nesse entendimento, o efeito de realidade discursiva assume um tom político nos enunciados e sua dimensão social⁴⁰. Com efeito, que transformação histórica aconteceu

³⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: uma história da violência nas prisões* Trad. Raquel Ramalhete. 29ª Edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

³⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Loyola, 11ª Ed, 2004.

⁴⁰ O'BRIEN, Patrícia. *A história da cultura de Michel Foucault*. In ____ Lynn Hunt(org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Nesta mesma referência, vale pontuar o seguinte: “Não estudar o poder apenas como forma de repressão, não reduzir o poder a uma consequência da legislação e da estruturação social. Foucault situava o poder de modo que o mesmo pudesse ser estudado: 1-Nunca se está fora do poder; não existem limites nem periferias, assim como não existe o centro: o poder é coextensivo com o corpo social. 2- As relações de poder são entrelaçadas a outros tipos de relações(família, sexualidade) e podem ser estudadas por meio dos seus discursos;3- As relações de poder

para que a Prisão protagonizasse nessa maquinaria punitiva? Que transformação discursiva foi esta? Nos estudos sobre as mudanças e ações das penalidades, Foucault apontou que as justificativas dos reformadores, em contraste às práticas punitivas na sociedade da soberania, não consideravam existir uma lógica pertinente ao discurso absolutista. Assim, juristas como Beccaria acreditava que os suplícios expressavam uma brutalidade do poder estatal que precisava ser subtraída por uma economia das penalidades, em que, o ato de perturbação ou lesão social fosse realizado na mesma equação desse dano para a sociedade. Então, na ótica iluminista de Beccaria, questionavam-se os excessos e a desmedida do poder real no suplicio do condenado. Desse modo, pontua-se no ensaio *Uma mecânica da dor: Kafka e Foucault e o horror ao horror*⁴¹:

De forma distinta à sociedade disciplinar, os crimes nas sociedades da soberania eram considerados ataques diretos à figura do rei. Sendo o príncipe a fonte de todo o direito, atentar contra uma regra era desafiar a autoridade régia. Não era a “sociedade”, entidade abstrata agredida pelo criminoso, mas o monarca em sua pessoa e vontade. As pessoas que eram mortas, roubadas, agredidas não eram, no ordenamento legal da sociedade da soberania, as mais importantes vítimas; o “alvo” foi o rei e a ameaçada foi a ordem social dele proveniente e nele representada. (RODRIGUES,2004,p.166-167)

Nessa linha de pensamento, um regicida em potencia poderia se apresentar até no “criminoso comum”, daí a lógica do desnível e brutalidade da força regencial. Ou seja, ato considerado criminoso numa organização social da soberania poderia ser ratificado no veredito de *lesa majestade*⁴². Com isso, os cadafalsos construídos nos centros das praças e das cidades, a fogueira, o esquartejamento vivo com os membros decepados, a forca, o criminoso sentia o imperativo do rei e pela dor demonstrar arrependimento ao soberano e, por conseguinte, a Deus. Portanto, este imperativo do soberano pretendia não necessariamente uma justiça, mas antes disso, confirmar e atualizar o poder da majestade em uma “política do medo”⁴³ no desencorajamento dos possíveis regicidas.

são interligadas e suas interligações delineiam condições gerais de dominação(..)organizando-a numa forma estratégica mais ou menos coerente e unitária.”(Patrice O’Brien).

⁴¹ RODRIGUES, Thiago. *Uma mecânica da dor: Kafka - Foucault e o horror ao horror*. In ____ *Kafka-Foucault sem medos*. PASSETTI, Edson(org.). São Paulo, Ateliê editorial,2004.

⁴² Ver Michel Foucault em *Vigiar e Punir*.

⁴³ Idem, p.46.

Deste modo, para transformar a ignomínia da punição soberana ou as fogueiras do clero como bem pontua o livro *O nome da rosa* de Umberto Eco⁴⁴, a Prisão tornar-se-ia com os auspícios dos reformadores iluministas uma fábrica de “novos” indivíduos e subjetividades intimamente relacionadas à realidade de uma “nova” sociedade. Sociedade que interpretava a economia das penas entrelaçada com os anseios de ordem e braços fortes conjugados à moral do trabalho das fábricas e das maquinomufaturas. Por isso, cria-se uma sintaxe da punição em que o dano físico não seja preponderante, mas sim uma penalidade que possa redimensionar moralmente as vontades humanas para as linhas de produção. Assim, paulatinamente as práticas e códigos jurídicos ocidentais foram esvaziando os “horrendos” suplicios em praças públicas, até porque essa transformação tem a ver com um modo de fazer política, pois, a idéia de súdito vai cedendo espaço para a idéia de população, principalmente com o discurso liberalista que se projetava na organização social. Neste horizonte, a prisão, firmar-se-ia como projeto que iria garantir uma transformação no homem, um exercício de poder que visava “mentes politicamente dóceis e corpos economicamente úteis”⁴⁵ (PASSETTI, 2003, p.15).

A prisão torna-se um lugar estratégico de contestação discursiva à sociedade soberana, constituindo um ponto de questionamento à brutalidade dos carrascos. Não mais a barbaridade do déspota, mas uma cela como castigo físico; o silêncio como força para o arrependimento e encontro com Deus; os procedimentos e arquiteturas panópticas como forma de vigilância; a hora do trabalho e do almoço para aprender a disciplina e o gosto pelo trabalho; enfim, não se realiza mais a lógica disciplinar de uma sociedade soberana, mas a razão punitiva no indivíduo coberto pelas leis do progresso burguês.

O poder disciplinar, como pensa Foucault, nasce da reunião de instrumentos reguladores com alvos e corpos inseridos numa microfísica do poder. Deste modo, espacejado na sociedade, o poder disciplinar adquire diferentes contornos, exercendo-se em pontilhados infinitesimais, encontrando mulheres e homens. Nesse aspecto, fábricas, escolas, manicômios, reformatórios, família, igrejas são alvos do poder disciplinar

⁴⁴ Ver Umberto Eco no romance, *O nome da rosa*.

⁴⁵ PASSETTI, Edson. *Reverberações*. In ____ *Anarquismos e sociedade do controle*. São Paulo, Cortez, 2003.

fixando os indivíduos com a finalidade de estabelecer um procedimento pelo qual “a força do corpo é com o mínimo ônus reduzido como força política, e maximizada como força útil”⁴⁶(FOUCAULT,1998,p.194). Enfim, trata-se de ativar uma força de trabalho apta à produção e indisposta à contestação. Essa indisposição realiza-se não somente com o adestramento do corpo físico, mas uma ação profunda e moral nas classes trabalhadoras em que o trabalho e a moral da produção seriam referência para demarcar indivíduos bons e indivíduos perigosos. Por isso, que para Foucault⁴⁷, existiu uma manifesta contenda por parte do operariado e a população pobre. Assim, esta contenda foi estimulada pelos discursos que perfilava o povo como órgão trabalhador, ortopedicamente moralizado pela lógica do trabalho. Assim, esse discurso de efeito eminentemente burguês intencionava segregar os possíveis delinquentes, rotulando-os como ameaçadores e perigosos não apenas para as elites ou a rica burguesia, mas também à parcela maior da população, os pobres.

Se a Prisão não realiza os sonhos dos juristas humanistas em realizar a transformação dos indivíduos é porque ela está ligada a um funcionamento social, a uma engrenagem proliferadora de discursos, pois existem “positividades” que se mantêm justamente pelo fracasso do projeto humanista e apesar dele. Trata-se, da construção de um ser, melhor dizendo, da derivação social desse ser- o delinquente - um “vírus” potencialmente ameaçador à legalidade e à normatividade social. Então, ao invés do antigo regicida em potência, o delinquente figura no deslocamento do discurso do poder como um indivíduo propenso à marginalidade, ao perigo social -“pobres insubmissos, insubmissos e contestadores da ordem, habitantes das periferias, os revoltados à disciplina e ao trabalho - são, pelo crivo prisional e as instituições encarregadas de legitimar esse discurso (discurso médico, discurso da psicologia, discurso jurídico, discurso da arquitetura) considerados como “classes perigosas”. Nesse modo, a Prisão não foi construída em sua prática para reparar a delinquência, ao contrário, além de lhe conferir o papel de engrenagem na máquina de controle social, ela estrategicamente fundamenta a “psicologização” do sujeito.

⁴⁶ FOUCAULT, Michel. *Sobre a Prisão*. In ____ *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

⁴⁷ Ver *Microfísica do poder* de Michel Foucault.

Nesta linha de pensamento, eis o que a historiadora Michelle Perrot⁴⁸ nos pontua:

A ampliação da prisão é correlata, visto que o encarceramento funda a organização penitenciária contemporânea. O Antigo regime certamente conhecia os cárceres, mas antes depósitos, despejos, locais de passagem do que de permanência e penitência, parênteses para outras penas e outros lugares: o encarceramento não constituía a pedra angular da repressão. ‘Inventando a liberdade’ (Starobinski), a Revolução simultaneamente gera seu contrário. Fazendo da pena privadora da liberdade o ponto de sustentação do sistema penal, ela tece as primeiras malhas dessa imensa rede-casa de justiça, de detenção, de correção, centrais, departamentais, que aos poucos iria recobrir todo o país. História dramática e profundamente contraditória. Feita para punir, mas também para reintegrar os delinquentes à sociedade, “corrigir os costumes dos detentos, afim de que seu retorno à liberdade não seja uma desgraça nem para sociedade, nem para eles mesmos, a prisão acaba por excluí-los. (PERROT, 1988, p.236)

Se o exercício do poder prisional “acaba por excluí-los”, está em jogo neste movimento da construção das instituições de confinamento e sua “organização penitenciária, o aprisionamento como prática geral em nossas sociedades. É nesse sentido que pensaremos uma relação entre Kafka e as *Memórias do cárcere* para achar um desnível nessa linha histórica, encontrar uma linha de fuga nessa prática geral punitiva. Por isso, seguiremos um rastro Foucaultiano(2006) para instrumentalizar nossa crítica nos capítulos por vir⁴⁹:

Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo da maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma “singularidade”.Mostrar que não era “tão necessário assim”; não era tão evidente que os loucos fossem reconhecidos como doentes mentais; não era tão evidente que a única coisa a fazer com um delinquentes fosse interná-lo; não era tão evidente que as causas da doença devessem ser buscadas no exame individual do corpo etc. ruptura das evidências(...)Tal é a primeira função teórica-política do que chamaria “acontecimentalização”.Além disso, a “acontecimentalização” consiste em reencontrar conexões, os encontros, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias(...)uma espécie de desmultiplicação causal(...)o processo de penalização do internamento é ele próprio constituído de processos múltiplos, como a constituição de espaços fechados(concretamente: quanto mais se analisa o processo de “carceralização” da prática penal, até em seus menores detalhes, mais se é conduzido a se referir a práticas como as da escolarização ou da disciplina militar,etc.(FOUCAULT,2006,p.339-340).

⁴⁸PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad.Denise Bottman. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1988.

⁴⁹FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder, saber*. Trad. de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

3. Uma escrita das *Memórias do cárcere*: devir com a história, devir com Kafka

“... a luta de classes rompe com a dominação nas fábricas, o compartilhar rompe com a dominação pelo isolamento, o desejo transforma o cotidiano. E a Escrita percorre transversalmente as ordens recompondo-a de maneira criativa” (Felix Guattari).

Nos versos de Primo Levy em *Se isto é um homem*⁵⁰, a memória, a realização do real com a ficção atinge a dimensão de documento de barbárie. Para Levy, isto se deve a indignidade em se dizer “*é um homem*” após o enraizamento do *Eros* nazi-fascista na subjetividade humana e suas máquinas de tortura proliferadas não somente nas cercanias da Europa durante as duas guerras mundiais, como também na malha cotidiana do ocidente. Por isso, numa crítica contundente a perseguição e autoritarismo aos judeus pelo reich nazista, Walter Benjamim, no ensaio *Sobre o conceito de história*⁵¹ pontua que o trabalho crítico parte do pressuposto de um horror característico com a cultura, até porque, ela é marcada pelo aviltamento dos corpos que há muito tracejam e/ou é relegada a ruminação nas páginas e monumentos históricos de uma história triunfante, quicá de vencedores. Nesse aspecto, Benjamin pontua que

Nunca um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIM,1994,p.225)

O que se pretende em situar Walter Benjamim e Primo Levy com relação às *Memórias do Cárcere*? Perceber que a criação literária e a criação histórica não podem

⁵⁰ LEVY, Primo. *Se isto é um homem*. Trad. Simonetta Cabrita Neto. Lisboa: Estórias Editorial Teorema,S/D.

⁵¹ BENJAMIM, Walter. *Sobre o conceito de história__in:Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense,1994.

passar desatentas pela crítica da linguagem sem flagrar a violência das metáforas na sua relação com o que se acredita que é real. Nesse sentido, a literatura e a história não podem estar “desertas” a estas premissas. Por isso, para não caírem nesses desertos faz-se fundamental movimentar o enlace entre ficção, memória, pensamento, teoria da história e da literatura conjugando uma crítica aos Auschitzs onde quer que ele rebente abrindo mão da experiencial individual para dizer de um rebento de multiplicidades.

Flagrar esta violência nas *Memórias do Cárcere* privilegia-se pensar esta obra numa relação inteiramente diferente que a dos filósofos da história. Ou seja, está muito mais próximo da descontinuidade nietzscheana⁵² no processo criador das *Memórias do Cárcere* do que a linha pré-socrática de Parmênides e o hegelianismo que venha a entranhar-se na escrita da história. Ao mesmo tempo, pensar as *Memórias do Cárcere* um labirinto ficcional arruinando tudo que é sólido e rijo estando mais conciliado com *Alice no País dos espelhos* de Lewis Carrol⁵³, com o *Coup de dés* de Mallarmé⁵⁴ e os *corredores e portas* contíguas de Kafka⁵⁵ do que a *profundidade do pensamento Platônico*⁵⁶. Nesse efeito, maquinar as *Memórias do Cárcere* com a história diz da possibilidade de um escritor torna-se passagem com outras passagens. Experimentar nas *Memórias do Cárcere* a história e a literatura enquanto labirinto da linguagem. Enquanto peregrinos numa sala de espelhos, mesmo sabendo do ceticismo dos *Heresiarcas de Tlön* flagrados em seus esconderijos nas *Ficções* de Jorge Luís Borges⁵⁷.

O que no faz pensar nas *Memórias do cárcere* enquanto rebento de multiplicidades conjugando história e literatura? Trata-se, primeiramente de perceber com Gilles Deleuze que “escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a

⁵² Ver o ensaio de Michel Foucault *Nietzsche, a genealogia e a história* no livro *Microfísica do poder*.

⁵³ CARROL, Lewis. *Alice no país dos espelhos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

⁵⁴ MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Organização tradução e notas de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Décio e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

⁵⁵ KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1992.

⁵⁶ Ver *Platão* na coleção *Os pensadores*.

⁵⁷ Jorge Luís Borges. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. Porto Alegre: Globo, 1972. Trata-se, no empenho crítico a que se propõe este trabalho de dissertação e sua relação com Kafka de afirmar as *Memórias do cárcere* num aprendizado por vezes inspirados em contos como *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* e *As ruínas circulares*. Este mesmo pensamento vale para os platônicos e os heresiarcas da crítica literária com seus quartéis ideológicos que estão sempre à espreita com a *usina* da multiplicação de sentidos, do trânsito literário e os devires da escrita que proporciona uma instabilidade entre os conceitos e valores impostos aos homens.

fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida, quer dizer, é um processo, passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido”(Deleuze, 1997,p.11.)⁵⁸. Assim, um “terreno comum” que faça passar os circuitos entre a série histórica e a série literária é o acionamento do *devenir* em suas construções⁵⁹. Por isso, que o ato de *escrever* é um *tornar-se e sempre a fazer-se* como condição de força da escrita, inclusive como expresso nas primeiras páginas das *Memórias do Cárcere*: “Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze(...)Fisicamente estamos em repouso. Engano. O pensamento foge da folha meio rabiscada”.⁶⁰

Nesta linha de pensamento, Jacques Derrida⁶¹ pontua que para ter um entendimento da “identidade” de quem escreve é preciso, antes de tudo, que se compreenda o modo como o escritor espaceja pela folha em branco a linguagem. Ao espalhar as palavras ele cria outra dimensão da compreensão do tempo e do espaço que nos é legado como texto. Nesse aspecto, esse capítulo não vem dialogando com o sujeito da fala que é responsável pelas *Memórias do Cárcere*, mas sim com as palavras escritas no *devenir* espacejado na escrita. Nessa perspectiva, penso que este *devenir* pode estar apresentado nas *Memórias do Cárcere* quando o narrador pontua que:

Desgosta-me usar a primeira pessoa (...), além disso, não desejo ultrapassar o meu tamanho ordinário. Esgueiar-me-ei para cantos obscuros, fugirei às discussões, esconder-me-ei prudente por detrás dos que merecem patentear-se”.(RAMOS,2008,p.15-16)

Aliado a este esgueiramento nos “cantos obscuros” da palavra, Michel Foucault em *A prosa do mundo* salienta que a relação entre palavra e coisa, ao contrário do que se pensava no renascimento em sua *Convenientia* em que “a palavra embotava, nomeava a coisa, designando a semelhança e aquilo que realmente o signo significava, e, por conseguinte, em dispor o mundo como um encadeamento de analogias e representação, a linguagem como escrita material das coisas”(Foucault,1990,p.63) passa, agora, a interrogar pela análise do sentido e da significação. Nesse modo, operando um conceito

⁵⁸ Ver Gilles Deleuze em *Crítica e Clínica*.

⁵⁹ Mais adiante, neste capítulo, trabalharemos a relação desta série histórica e literária com o *devenir*.

⁶⁰ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 44ª Ed.Rio de Janeiro: Record,2008.p.12-13.

⁶¹ Ver *Da Gramatologia* de Jacques Derrida.

de linguagem enquanto arte de “fazer signo”, Michel Foucault⁶² ao se apropriar da leitura de *D. Quixote* percebe a literatura como espaço do pensamento crítico da linguagem e do descentramento da palavra pontuando especificamente:

As semelhanças por signos romperam sua antiga aliança, as similitudes decepcionam, condizem à visão e ao delírio; as coisas permanecem obstinadamente na sua identidade irônica; não são mais o que são; as palavras erram ao acaso, sem conteúdo, sem semelhança para preenchê-las; não marcam mais as coisas; dormem entre as folhas dos livros, no meio da poeira.(FOUCAULT,1990,p.64)

Neste aspecto, dialogando com esta perspectiva entre *palavra* e *coisa*, a narrativa das *Memórias do Cárcere* acentua o seguinte em seu processo de produção:

Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas- e não vejo inconveniência em mostrá-los”(RAMOS,2008,p.13).

Ora, se Michel Foucault expressa que “as similitudes decepcionam” e o narrador das *Memórias do Cárcere* afirmar a *escrita* como solo de operações que “alteram-se, complementam-se” ou de “reaparecimentos” significa que a composição das *Memórias do Cárcere* pode ser afirmada em dobraduras, em rostos desenhados na “areia da praia”⁶³ seguindo a intensidade da escrita imantada pelo devir da lembrança e do esquecimento com estes “rostos” se desmanchando no ar pelo vapor das forças do regimes de sujeição ou mesmo se ligando a devires que intensificam a memória por proliferação de sensibilidades inauditas ao império da razão. Nesse sentido, retomando Michel Foucault nas *Palavras e as Coisas* pensar o processo de criação das *Memórias do Cárcere* pode significar um

longo grafismo magro como uma letra que acaba de escapar diretamente da fresta dos livros. Seu ser inteiro é só linguagem, texto, folhas impressas, história já transcrita. É feito de palavras entrecruzadas, é escrita errante no mundo em meio à semelhança das coisas.(FOUCAULT,1990,p.60)

⁶² FOUCAULT, Michel. *A prosa do mundo*. In: *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.Salma Tannus Muchail. 5. ed.São Paulo: Martins Fontes,1990.

⁶³ ONFRAY, Michel. *Além do rosto de areia*. In: *A política do rebelde: um tratado de resistência e insubmissão*. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. “Os rostos de areia” é uma premissa em que o filósofo Michel Onfray fundamenta uma crítica ao alicerce da filosofia, seja pela metafísica platônica, seja por um cristianismo embrutecedor, seja pelos auspícios do logos.

Além das *Memórias do Cárcere* dialogar com a crítica da linguagem elaborada por Foucault em seu jogo des-aparecer das palavras com o avivamento de “recordações confusas” diz também de um processo afirmativo da linguagem atravessada por intermitências, por relações de força. Nesse aspecto, entendendo melhor essa visão crítica com a linguagem podemos considerar o ensaio *A filosofia na época trágica dos gregos*⁶⁴ de Friedrich Nietzsche. Para o filósofo, o “princípio da razão” estaciona-se numa *continuidade* entre a linguagem e as coisas, num pacto pacífico e incondicional entre elas, proporcionando ao pensamento a condição de que a linguagem seria a expressão adequada e específica de todas as realidades. Essa premissa encontra-se no seio do pensamento *Pré-Socrático* de Parmênides. Este, segundo o filósofo alemão funda “o domínio lógico gramatical como lugar por excelência do pensamento, sendo que é na linguagem que ele encontra a segurança, a estabilidade capaz de demonstrar sua crença no ser. O mundo das intermitências, como devir, é o lugar do erro; somente o pensamento pode demonstrar o que é” (MOSE, 2005, p.147)⁶⁵. Por isso, que Nietzsche se refere à entrada de Parmênides no pensamento grego como sendo o “não-grego como nenhum outro nos dois séculos da época trágica” (NIETZSCHE, 1999, p.127).

Nessa relação de pensamento, o trabalho da crítica da linguagem perpassa a afirmação de que nomear é antes de tudo “impor identidade ao múltiplo, ao móvel, é forjar uma unidade que a pluralidade das coisas não apresenta” (MOSE, 2005, p.148). Portanto, proporcionar o movimento às palavras parte da desautorização de toda e qualquer imperativo da verdade como signo fundador.⁶⁶

⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na época trágica dos gregos*.__in: *Coleção Os pensadores: Pré-Socráticos*. Trad. Carlos A.R. de Moura. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999. p.127-138.

⁶⁵ MOSE, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. “Não acrediteis nestes olhos estúpidos”, diz ele (Parmênides), “não acrediteis no ouvido barulhento ou na língua, mas examinai tudo com a força do pensamento”. Esta supervalorização do pensamento, e conseqüentemente rejeição dos sentidos, vai ser responsável pela dissociação brutal entre os sentidos e a capacidade de produzir abstrações. Parmênides encorajou segundo Nietzsche, a “cisão inteiramente errônea entre espírito e corpo que, sobretudo desde Platão, pesa como uma maldição sobre a filosofia. O que a filosofia termina por fazer é construir um universo de conceitos, de abstrações, de proibições, irracional, com os instintos, com as paixões, com o corpo”(MOSE,2005,p.146-154).

⁶⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

Nessa linha de pensamento, pensemos: “a literatura não reflete a realidade, ela inventa”. O que não significa que ela nega o real, ao contrário, ela aumenta as possibilidades de se imaginar/experimentar/tensionar/fraturar este real como diz o *Cronópio* Júlio Cortázar⁶⁷. Por isso, essa invenção do real significa o valor crítico na malha narrativa por estremecer a calmaria da linguagem de Parmênides e o profundo de Platão para pôr no palco a violência das metáforas como quer Nietzsche. Desnatura a cultura como quer Silviano Santiago. Fissura “a opressão da gramática, da sintaxe e da lei”⁶⁸ como quer o narrador das *Memórias do Cárcere*.

Pensando uma passagem das *Memórias do cárcere*:

Confundia o real e o imaginário, os olhos protegidos pela aba do chapéu. Despertava, fumava, distinguia o estafermo e o fuzil, imaginava, olhando-os de perto, vendo a carranca e o brilho do metal, que haviam sido ali postos para amedrontar-me. Recurso infantil: conjecturei crianças barbadas, ingênuas e maliciosas. O pobre homem devia estar cansado. Seria o mesmo do começo ou teria vindo outro durante os cochilos? havia-me escapado a substituição. Também me escapavam próximos rumores possíveis: gemidos do vento nas árvores do pátio, a marcha lenta da ronda. Realmente não me lembro de árvores nem da ronda. (RAMOS, 2008, p. 69)

Confundir o real e o imaginário; “conjecturar crianças barbadas; ser o mesmo do começo ou teria vindo outro durante os cochilos”; “realmente não me lembro nem da árvore nem da ronda” apontam premissas fundamentais do exercício de compreensão das *Memórias do Cárcere*, pois, não somente o narrador desconfia do próprio escrito e do senso da realidade, mas a presença do leitor, que ao invés de uma certeza defronta-se com interrogações na tentativa de ampliar a sua percepção crítica sobre algum horizonte. Por isso retomando Walter Benjamin⁶⁹, “pensar historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIM, 1994, p. 224). Nesse entendimento, o que seria esse “momento de perigo” nas *Memórias do Cárcere*? Para isso, pensemos numa passagem em que é possível discutir essa interrogação:

⁶⁷ CORTÁZAR, Júlio. *Para uma poética*. __in: *Valise de Cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo, Perspectiva, 2006. (Debates; 104/ dirigida por J. Guinsburg). p. 85-101.

⁶⁸ *Memórias do cárcere*, p. 12.

⁶⁹ BENJAMIM, Walter. *Sobre o conceito de história*. In __ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Ainda quase a dormir, vi-me arrastado pela multidão que fervilhava com rumor, dobrando cobertas, enrolando esteiras. Andei à toa, maquinal, ignorando o motivo da agitação: acordei, a memória funcionou, o grito adquiriu sentido(RAMOS,2008,p.428).

Penso que o grito “parte de um perigo”, o perigo de flutuar num sono pétreo, em que “gritos da multidão” não possam fissurar o tampo das “cobertas” que insistem em aumentar suas dobras para emperrar o “maquinal” da memória. Para não deixar a diferença vir á tona e os discursos dos “guardas e dos milicos” continuarem a preponderar em seus monumentos e aparelhos penais⁷⁰. Com efeito, o fervilhar aquece a potencia rebelde da memória, em que a diferença escorre pelas frestas e derrete o gelo das placas da memória mesmo que para isso tenha que “gritar” para rachá-lo e fazer proliferar essa multidão encarcerada em suas pulsões coletivas. Assim, perceber esse “momento de perigo” nas *Memórias do Cárcere* significa que a usina da memória não se detém a métodos apriorísticos de investigação na dependência da experiência vivida e que visem a satisfazer expectativas previsíveis de configuração textual por um manto da razão em detrimento do sensitivo e do instinto. “Nesse aspecto, “o grito”, “o maquinal” em meio à “dobradura das cobertas” faz deslocar nosso olhar de toupeira com a memória sobre os grandes monumentos culturais para movimentar nossa atenção naquilo que se ergue a partir do precário e de onde nem se imaginava existir resistência às formas de poder que também deixaram de ser territorializadas para infiltrar-se nas malhas do cotidiano e nas formas subjetivas.

Nesse propósito, a ação de recordar nessa narrativa é uma atividade de “esgueirar-se pelos cantos”, “colocar-se à margem do texto”, ser escrito por ele, ser tomado pela palavra para que a linguagem em sua relação sensitiva com a memória possa realizar uma atividade efetiva de socialização com as minorias⁷¹ vilipendiadas nos cárceres, sendo pelo “fervilhar” e não pelo “gelo” estes encontros. Enfim, este “fervilhar”, este interstício diz de uma tessitura de vozes; do reencontro com o outro(s);

⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal,1990,p.71.

do confronto com o presente da escrita e do agora por vir; sem eternizar a memória ou monumentalizá-la como bem pondera Jacques Le Goff⁷².

Liberar o passado do esquecimento não é repiti-lo, nem tampouco torná-lo um objeto frio de racionalização, imune ao afeto de quem lembra e de quem lê a lembrança - daí a crítica radical do Jacques Le Goff quando acentua que a monumentalização da memória decorre de um tipo de história “como ela foi” negligenciando a capacidade da cultura ressignificar esta memória em seu favor na contemporaneidade, e, por conseguinte, trazer a leveza ao invés do pesado fardo da tradição - por isso, que a impossibilidade de um distanciamento rigoroso do narrador das *Memórias do Cárcere* e os entrecortes da tessitura narrativa “sulcos negros” “nevoeiro mental” “espessa névoa”⁷³ implica apontar em um falso problema a separação entre sujeito de enunciado e sujeito de enunciação como quer a crítica mais apressada. Em muitas situações, a distinção retórica entre sujeito de enunciado e sujeito de enunciação torna-se imprudente mantê-la. Nesse sentido, podemos pensar uma passagem da narrativa no sótão do navio *Manaus*:

Agora me ligava a feitos mais ou menos ignorados, esquecera casos a que dera muita importância. Não os esquecia realmente: jogava em um desvão, onde se empoeiravam, cobriam de teias de aranha; ressurgiam, sobrepunham-se ou subpunham-se aos outros, afinal se nivelavam, misturavam todos e já não era possível saber o que estava dentro ou fora de mim. (RAMOS, 2008, p.43)

No antes que vem à tona no presente da escrita como um *agora* retroativo - “agora me ligava” - “afirma tanto a dualidade inerente ao registro temporal quanto a da voz narrativa que, em razão da referida postura do narrador ante o narrado entrelaça o escritor Graciliano Ramos personagem dos feitos vivenciados ao Graciliano Ramos encarregado de narrá-los. A distinção entre passado e presente, interno e externo, que remete à relação entre modelo empírico e sua encenação autobiográfica não se colocam em termos rígidos excludentes” (MIRANDA, 2008, p.687). Assim, nos

⁷² LE GOFF, Jacques. *Memória__In: História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994, p. 423-483.

⁷³ *Memórias do cárcere*, p.104.

embaraçamentos desse novelo, no ato de jogar em “um desvão onde se empoeiravam” com “teias de aranha” trata-se de considerar⁷⁴

a escrita memorialista do escritor, a perspectiva do cárcere mobiliza a retrospectiva de segmentos pretéritos anteriores ao período de encarceramento que, ao serem presentificados, provocam inter-relações possibilitando ao tecido narrativo uma complexidade e uma ressonância temporal mais ampla do que se poderia presumir(MIRANDA,2008,p.688).

Nessa “ressonância temporal” que pode alcançar uma paisagem mais extensa faz-se pertinente retomar Walter Benjamim. Para ele existe algo próprio da modernidade capitalista em seu sentido singular. Ela teria afetado as subjetividades a ponto de as deixarem quase afônicas, nela, possivelmente, só o ato de uma emergência messiânica poderia “brechar” o pensamento utópico de uma restauração do tempo-histórico pela memória que iria fissurar a casca encastelada dos fatos. Com isso, essa redenção messiânica não seria o messias no seu sentido corriqueiro o “porta voz” das gerações que leva o rebanho adiante com a “boa nova”, trata-se, segundo Benjamim, “de um toque por um sopro de ar que foi respirado antes, de ecos de vozes que escutamos mesmo com seu emudecimento, de um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (BENJAMIN, 1994, p.223)⁷⁵. Assim, fissurar a “casca reificada dos fatos” é possibilitar uma qualidade libertadora da memória na sua relação com o presente que sempre pode inventar trazer à tona outras vozes.

Nesse entendimento, Beatriz Sarlo considera que⁷⁶ “a experiência perde sua dizibilidade no torvelinho das vivências e dos hábitos repetidos. É possível dar sentido a esse torvelinho, mas apenas se a imaginação cumprir seu trabalho” (SARLO, 2007, p.30). Trata-se, segundo a teórica Argentina, de uma qualidade não só do historiador, mas também de um trabalho de escuta da linguagem, quiçá poético⁷⁷. De subir nos óculos para enxergar horizontes como num quadro de René Magritte: “a imaginação faz uma visita”. Tal ato rompe com aquilo que a constitui na proximidade e se distancia

⁷⁴ Cf. Wander Melo Miranda.*Posfácio*. In__Graciliano Ramos.*Memórias do Cárcere*. 44º Ed. Rio de Janeiro,Record,2008.

⁷⁵ Ver Walter Benjamim no ensaio *Sobre o conceito de história*.

⁷⁶ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

⁷⁷ Idem.

para dramatizar reflexivamente a diferença. A condição desta diferença parte da premissa em que a imaginação desloca-se do próprio território ou como sugere Walter Benjamin em *O narrador*, “é a ótica do viajante que suporta o deslocamento, que abandona o país de origem, explorando posições desconhecidas em que é possível surgir um sentido de experiências desordenadas, contraditórias e, em especial, resistentes a se render à idéia simples demais de que elas são conhecidas porque foram suportadas”(BENJAMIN,1994,p.197-221).⁷⁸

Seguindo esse contexto, a linguagem liberta a condição muda da experiência, desfaz seu imediatismo gratuito ou de seu esquecimento e a sintoniza em narrativas intensas. Assim, retomando Beatriz Sarlo⁷⁹:

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p.41)

É nesta potencialidade da imaginação visitar uma terra estrangeira que ela aprende(ou nos ensina?) que a história jamais poderá ser totalmente narrada e jamais terá um selo final, sendo sua força essa contingência que permite deslocamentos, proporciona a intensificação do real e das experiências seja em territórios diferentes ou em saltos no oceano subjetivo do ser, até porque, como pensa o *narrador* Benjaminiano,“a idéia de eternidade sempre teve na morte a sua fonte mais rica”(Benjamin,2004, p.207). Nesse aspecto, a situação de estar incompleto não é uma falha ou um sintoma de fraqueza, mas uma qualidade, uma trilha para “experenciar” a multiplicidade dos processos.

Vale pensar que existe uma intensa ligação entre *o narrador Leskov* e o tecido narrativo das *Memórias do cárcere*, pois, como relata o filósofo alemão:

⁷⁸ BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* __in: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense,1994. pp.197-221.

⁷⁹ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem pra cima e para baixo nos degraus da sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens- é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento (BENJAMIN, 1994,p.215).

Que ligação é essa? Será se existe uma ligação com a produção narrativa da escrita da história? Tem haver com a criação literária? Para Wander Melo Miranda em relação à construção das *Memórias do Cárcere* existe um “exercício obsessivo e artesanal da linguagem e a lucidez na escolha dos procedimentos narrativos usados impedem a subserviência do texto à realidade imediata e à gratuidade lúdica, tecendo novos caminhos para a criação literária” (Miranda, 2008, p.681). Nesse aspecto, encontrar “uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens” numa “experiência coletiva” ou um “profundo choque da experiência individual” pode significar um movimento “para cima e para baixo”, em que o manuseio da narrativa intensifique a experiência humana seja com “os pés nas nuvens ou com as asas no solo”, mas na perspectiva que encontre uma coletividade ou um choque individual que abra o corpo, marque um encontro com uma multiplicidade e “a morte, não represente nem um escândalo nem um impedimento”.

Com efeito, não é esta atividade- exercício artesanal da linguagem, aguçada reflexão textual, escolha dos procedimentos narrativos- que o historiador/narrador procura dar inteligibilidade no escarcéu de arquivos e documentos? Não é a busca desta composição narrativa que uma escrita da história/ a escrita de um romance/a escrita de um poema processa quando confronta a *Ordem do Discurso* adentrando como diz o Michel Foucault “nos interstícios da linguagem”, “sendo tomado pela palavra”? Não é no solo do incerto e/ou verdade contingente da narrativa histórica que se configura a crítica à cientificidade do pensamento histórico? Não é no espacejamento da escrita que a criação literária/histórica sai do lugar comum e cria outro espaço de crítica da realidade desnaturalizando a cultura?

Nessa perspectiva, pensar tais interrogações não significa cair no solo do indizível e/ou esvaziar a função crítica da história. Nada disso. O jogo não é gratuito. Uma composição/ produção da narrativa nas *Memórias do Cárcere* indica a entrada de “um

narrador extravasando o discurso histórico em seu desejo de legitimação e ao mesmo tempo, a emergência de uma radical desconfiança, as linhas possíveis de uma resistência e da produção de um contra-discurso” (MOREIRA, 2002, p.113). Desse modo, como expressa o narrador no início das *Memórias do cárcere*:

Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. (RAMOS,2008,p.12)

3.1 A invenção de uma trama

Pensemos na *invenção* de uma *trama* em *Memórias do Cárcere*. A palavra *trama* se destaca para operar um corte transversal na temporalidade histórica como uma análise espectral atravessando a escritura. Assim, como pensa Paul Veyne⁸⁰, a trama na escrita da história não pode esmerilhar sua descrição num mapa factual, antes “multiplicar as linhas que o atravessam” (VEYNE, 1998, p.44).

Com isso, ao invés de uma história que enxerga o fio cronológico dos acontecimentos ou um sentido a ser revelado trata-se de experimentar nas *Memórias do Cárcere* um mapa factual associado à crítica de Paul Veyne à noção de fato: “um fato não é um ser, mas um cruzamento de itinerários possíveis” (VEYNE, 1998, p.45). Nesse pensamento, que itinerários são possíveis nas *Memórias do Cárcere*:

Procurei observá-los onde se acham, nessas bainhas que a sociedade os prendeu(...)Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam.(RAMOS,2008,p.15)

Tal itinerário seria pensar a construção das *Memórias do Cárcere* na superação da visão de três forças reativas que circulam o discurso histórico. Ou seja, ao invés da

⁸⁰ Ver Paul Veyne no livro, *Como se escreve a história*.

premissa *hegeliana* da espontaneidade do espírito, prefere-se a intensidade do trecho que afirma as relações de força “procurei observá-los onde se acham, nessas bainhas que a sociedade os prendeu”; prefere-se “dúvidas terríveis nos assaltam” ao invés de uma *teleologia* que encarcera a dispersão, o acaso, a descontinuidade e a mudança repentina do rio da história em suas histórias diferenciais. Prefere-se “de repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo” do que a *causa e efeito* que enclausura a vida num binarismo embrutecedor.⁸¹ Por tudo isso, *As Memórias do Cárcere* é um exercício de pensamento contra a alfândega empestiada de guardas, inspetores, juízes e toda sua rede infinitesimal de acoplamento das subjetividades que fazem da ciência um espaço de doença à medida que separa a história e a literatura daquilo que podem em sua potência rebelde: intensificar a vida, afirmar o devir.

Se a história segundo Paul Veyne⁸² é fundamentalmente associada à noção de conhecimento por meio de documentos em que a narrativa lhe dá inteligibilidade pela reunião, seleção, interpretação destes documentos “fazendo com que um século caiba numa página” (VEYNE, 1998, p.18) isto não nega que a narrativa contenha o veio da fabulação. Nessa força, acenando com Hayden White⁸³:

A concepção em que a ficção é concebida como representação do imaginável e a história como representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento que só podemos conhecer o real comparando-o ou equiparando-o ao imaginável (...) a construção textual e a manipulação dos documentos e arquivos, passam antes de tudo, por inevitáveis construções poéticas elencadas na narrativa e, como tais, dependentes da modalidade da linguagem figurativa utilizada para lhes dar o aspecto de coerência” (WHITE, 2001, p.115).

⁸¹ A crítica de Paul Veyne a essa escrita da história *hegeliana, teleológica e de causa e efeito* é salutar, pois, permite a narrativa histórica num encontro “florido” com a literatura. Neste sentido, além de estabelecer um ceticismo à cientificidade histórica permite encontros e atravessamentos na história que antes eram inviáveis para um paradigma histórico fundamentados na dialética hegeliana ou binarismo de causa e efeito, ou fim da história que desembocaria no comunismo. Por isso, que Paul Veyne e suas tramas nos levam a pensar malhas intensas com uma literatura menor.

⁸² Ver Paul Veyne em *Como se escreve a história*. p.18.

⁸³ WHITE, Hayden. *O texto histórico como artefato literário*__in: *Trópicos do discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2 ed. São Paulo, 2001. pp.98-116. “Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas realmente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências.” (WHITE, 2001, p.98.)

Certamente que Hayden White afirma um jogo tropológico (metáfora, ironia, sinédoque) com as armações do trágico, cômico, romanesco que perfazem uma forma literária. Aprendemos a ver *como* trágico, *como* cômico a partir de como se narra determinado “amarramento” de acontecimentos. Assim, esse artifício dos tropos com “empréstimos” da intriga literária não fica circunscrito ao espaço da composição narrativa, mas fortalece a realização da narrativa histórica apesar do ceticismo do preconceito ocidental, que acredita que o empirismo documental é o único meio de acesso ao conhecimento da realidade histórica. Por isso, penso que a construção da narrativa das *Memórias do Cárcere* está muito mais aliada a essa relação “tropológica” do que uma frieza empirista. Até porque, não se trata aqui de negar a experiência de Graciliano Ramos no cárcere, mas que ele intensificou a narrativa desta experiência com armações da intriga literária e sua intrínseca relação com os tropos retóricos. Nesse modo, como expressa o narrador nas primeiras páginas das *Memórias do Cárcere*: “Também me afligiu a idéia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil (RAMOS, 2008, p.11).

O que seria a ficção transitando nestes depoimentos? Acredito que ela circula não somente no que se refere aos aspectos tropológicos da criação narrativa como pontua Hayden White. Nem se circunscreve por liberar potencialidades obliteradas no passado histórico como pensa Paul Ricouer. Antes, realizam a abertura das⁸⁴

sensibilidades para o acesso à palavra livre, aquela que a palavra se liberta das suas funções sinalizadoras, “o que é”. De sua cova signo-sinal- natural, biológica ou técnica-. Ora, paradoxalmente, só a inscrição-embora esteja longe de fazê-lo sempre- tem poder de poesia, isto é, de invocar a palavra arrancando-a ao seu sono de signo, palavra contingente, no emaranhado de significações possíveis “ (DERRIDA, 1971, p.26).

Nesse sentido, porque não ler os arquivos históricos como tropos de um poema? Por que não utilizar uma poesia para infiltrar e perfurar os estômagos das traças que de tanto corroer as letras dos arquivos mostra um corpo obeso? Porque não utilizar a poesia como *corpo sem órgãos*⁸⁵ na interpretação das fontes, documentos e das narrativas ficcionais? Será que esse *corpo sem órgãos* da poesia não abriria uma linha de fuga na

⁸⁴ DERRIDA, Jacques. Força e significação. In: *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques. São Paulo: Perspectiva, 1971.

⁸⁵ Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Como criar para si um corpo sem órgãos*.

hegemonia do olho fazendo os outros sentidos ganhar passagem e poderem embaralhar-se? Será que um texto não despertaria de seu sono mórbido quando fosse interpretado por esse *corpo sem órgãos* que cheira com o estômago, ver com a pele, respira com o ouvido, tateia com a lágrima?

Pensemos uma passagem das *Memórias do Cárcere*:

Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, expondo o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Nas as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e dão hoje impressão de realidade. (RAMOS, 2008, p.15)

Embora não se trate de modo algum de apontar a “descontinuidade” entre o passado “real” e mundo “irreal”- “essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis”- a questão é justamente mostrar de que maneira o imaginário coloniza o “ter sido”- “nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, expondo o que notei, o que julgo ter notado”- sem com isso enfraquecer seu intento realista- “Outros devem possuir lembranças diversas (...) mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se,complementam-se e dão hoje impressão de realidade”-. Enfim, entrelaçar lembranças alheias com “as minhas”, afirma que a inteligência histórica se potencializa com imaginário ganhando relevo na montagem da narrativa num movimento de “*rumo a... nunca é um aqui*” (PAZ, 1991, p.217) ⁸⁶. Talvez por isso, nessa escrita como *ponte* ao deixar as *Memórias* ser escrita por potencias que colonizam seus sentidos, seu imaginário, sua subjetividade, Graciliano Ramos pontue o seguinte:

As minhas palavras soavam-me aos ouvidos como se fossem pronunciadas por outra pessoa. Doidice rir em semelhante inferno. Ou então me sensibilizara em demasia, os horrores que estivera a desenvolver tinham existência fictícia. (RAMOS, 2008, p.106)

Considerando as palavras que visita os “ ouvidos como se fossem pronunciadas por outra pessoa”, lhe “sensibilizando em demasia”, significa não negar o empírico, mas torcer este empírico como torce uma “roupa encharcada” fazendo os arquivos

⁸⁶ PAZ, Octávio. Pensamento em branco. In: *Convergências: Ensaio sobre arte e literatura*. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

descerrarem suas gavetas pelo acesso da palavra poética e seu intrínseco devir. Por isso que o método histórico da descontinuidade nietzscheana- A história, segundo Foucault⁸⁷, “nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos” (FOUCAULT, 2005, p.26) – ganha amplitude no processo criador das *Memórias do Cárcere*:

Não me agarram métodos, nada me força a exames vagarosos. Por outro lado, não me obrigo a reduzir um panorama, sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao paginador e ao horário do passageiro do bonde. Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parece conveniente. (RAMOS, 2008, p.140)

Nessa linha de pensamento, qualquer anterior diz não de uma fraqueza pelo fato de não atender aos métodos rígidos de uma pretensa objetividade científica, ao contrário capta uma inventividade fundamental na criação literária, quiçá histórica. Por isso, que a ficção nas *Memórias do Cárcere* passa por um *Coup de Dés* de Mallarmé⁸⁸- “posso andar da direita e para a esquerda como um vagabundo” -. Passa por uma *Alice no País dos espelhos* de Lewis Carrol⁸⁹- “como se enxergasse pelos vidros de um pequeno

⁸⁷ Ver Michel Foucault em *Nietzsche, a genealogia e a história*.

⁸⁸ Cf. Stéphane Mallarmé. *Mallarmé*. Organização tradução e notas de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Décio e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991. *Un coup de dés* expressa uma intensa agressividade poética. Não tenho o desejo de realizar, aqui, uma decodificação erudita quanto à complexidade deste poema. Tenho a pretensão, apenas, de seguir algumas trilhas deste agressivo *Un coup de dés*, até porque, ele parece transgredir as rígidas convenções que colonizam a prosódia. Um *Un coup de dés* não realiza versos, mas jatos de texto dispersos na página como pontos de gotas de tinta. Por conseguinte, a unidade da página expressa na verdade a duas páginas, em que palavras e linhas entrecruzam-se podendo brotar dobras infinitas do texto. Stéphane Mallarmé estaria confundindo não somente a unidade do verso, mas também a escritura e a página pela polissemia de vozes que vai emergir na folha. A distorção proporcionada pela atividade com os brancos do papel é ainda mais agressivo. Compor com a folha em branco, como faz Mallarmé no *Un coup de dés*, afirmaria, de certo modo, a um avesso da escritura pela pluralidade de vozes. E é nessa polissemia, nessa dobra do texto que possibilita a multiplicidade de vidas que penso as *Memórias do Cárcere* numa constelação mallarmeana. Ou seja, Não é salutar ao pensamento esvair as coisas e o pensamento pela palavra. A literatura iria transpirar um malogro ao considerar o esgotamento de uma idéia num verso. Por isso, para Mallarmé, a relação é inteiramente às avessas: mostrar o informe, o fugidio, o que parece apresentar-se para além da escritura no verso.

⁸⁹ CARROL, Lewis. *Alice no país dos espelhos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. A poética dos espelhos trata-se de inverter para multiplicar. E isto está associado a uma literatura menor que transita nas

binóculo, ampliarei insignificâncias”-. Percorre *corredores e galerias* de Franz Kafka⁹⁰- “saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos”- enfim, o acesso do *poeta* intensifica o real iluminando trilhas nunca percorridas pelos “panoramas” e as “dimensões regulares”.

3.2 Devir com Kafka: acontecimentos e rizomas

Após perambularmos por algumas noções de como uma escrita da história pode ser potencializado nas *Memórias do cárcere* e por sua vez a invenção ficcional ampliar as possibilidades de imaginar/experimentar/tensionar/fraturar esta obra, uma questão daqui por diante passa a orientar este capítulo: como se configura a noção de história em Franz Kafka num encontro com as *Memórias do Cárcere*?

A pergunta inicial que orienta esta reflexão faz movimentar certas imagens e algumas noções como labirinto, fabulação, acontecimento, palimpsesto, todas empenhadas numa maquinaria de produção de sentidos para uma micropolítica cotidiana. Por isso, que acionar Kafka nas *malhas das letras* das *Memórias do cárcere* significa liberar não só o tempo do seu aprisionamento cronológico-linear-irreversível, como também fazer da ficção literária uma possibilidade de emergir outros textos recalçados pela violência epistêmica⁹¹. É o caso do texto das *Memórias do Cárcere* interpretado pelo revisionismo da estrutura e super-estrutura marxista, por seus aprisionamentos da causa e efeito da década de 30 e até pela retórica da crítica literária

Memórias do cárcere, na medida em que uma multiplicidade brota na superfície do texto, no encontro com o coletivo, sempre um rumo à, nunca é um aqui. Assim, Alice, penso, é uma relação infantil do pensamento que multiplica e borra o quadro do real e seus enquadramentos com texturas absurdas, enfim não tem nada da senilidade que adoce o pensamento, e aqui, nessa relação, não tem nada a ver com a faixa etária.

⁹⁰ KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. Companhia das letras, São Paulo, 2008. Sempre ao lado, não em pirâmide. Há sempre uma galeria à espreita nas *Memórias do cárcere* se assim pensamos com Kafka. Uma proliferação das séries e um agenciamento do desejo que muda de intensidade no transcorrer da narrativa ou do navio *Manaus* para a colônia penal de *Ilha grande* com as *Memórias do Cárcere*.

⁹¹ Por muito fizeram do real uma cartografia de análise da ciência, como se fosse um laboratório, que se digam os positivistas. Que se digam um marxismo embrutecedor. Que se digam as lógicas policiais do pensamento para com as vidas.

que não percebe seu componente intertextual, suas obliquidades, seus labirintos, sua *Biblioteca de Babel* e pontos de encontro.

Sendo assim potencializar o que parece não possuir história é antes de tudo reencenar as marcas da violência no corpo do texto ou no coração do tempo com “cheiro de vidro e corte” “num eterno retorno em diferença como possibilidade de produzir acontecimentos”(MOREIRA, 2002, p.119)⁹².

Pensemos algumas passagens da *Metamorfose*⁹³, *O Processo*⁹⁴ e *Na Colônia penal*⁹⁵ de Franz Kafka:

Ao acordar certa manhã, após noites intranquílias Gregor Samsa viu que tinha se transformado em um inseto monstruoso. (KAFKA, 2008, p.13).

Alguém devia ter caluniado Josef K., pois sem que ele tivesse feito qualquer mal foi detido certa manhã. A cozinheira da senhora Grubach, sua hospedeira, que todos os dias às oito horas lhe trazia o desjejum, não se apresentou no quarto de K. (Kafka, 2005, p.37).

Na noite de ontem o capitão quis verificar se o ordenança cumpria seu dever. Abriu a porta às duas horas e o encontrou dormindo todo encolhido. Pegou o chicote de montaria e vergastou-o no rosto. Em vez de se levantar e pedir perdão, o homem agarrou pela s pernas, sacudiu-o e disse: “atire fora o chicote ou eu o engulo vivo!”. São estes os fatos. (Kafka, 1996, p.15).

A que nos interessa estas passagens? Ampliar a noção de acontecimento. Estas narrativas de Franz Kafka anunciam a quebra da rotina, a repetição dar lugar a um desvio. É o caso de Josef K., que sem esperar ou ter feito qualquer injustiça foi surpreendido na espera de seu desjejum por dois inspetores da justiça. Gregor Samsa que acordou transformado num escaravelho. É o ordenança, que ao invés de prestar reverência/obediência se rebela diante do capitão lhe sacudindo as pernas. Nesse aspecto,

parece ser perigoso acordar, iniciar um novo dia, começar um novo segmento do tempo, porque esta pode vir acompanhado da descontinuidade, pode

⁹² MOREIRA, Osmar. *Folhas venenosas do discurso: Um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2002.

⁹³ KAFKA, Franz. *A metamorfose / O veredicto*. Trad. Marcelo Backes. L&PM Pocket, Porto Alegre, 2008.

⁹⁴ KAFKA. *O processo*. Trad. Torriero Guimarães. São Paulo, Martin Claret, 2005.

⁹⁵ KAFKA, Franz. *Na colônia penal*. Trad. Modesto Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

tornar-se um bloco de temporalidade esquizo, pode enunciar o múltiplo onde antes só havia a linearidade, o contínuo (ALBUQUERQUE, 2004, p.13)⁹⁶.

Enfim, Kafka parece um anti-historicista ao não somente abrir um bloco de temporalidade descontínuo, mas por praticar a raridade e a fratura onde só havia o mais do mesmo.

Para Paul Veyne⁹⁷ “os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em torno deles para outros fatos que o nosso saber nem imagina” (VEYNE, 1998, p.239-240). Então, mobilizando o pensamento de Paul Veyne com Kafka significar estar ciente dessa raridade, dessas zonas “vazias”. Porém, em Kafka existe a conexão desses fatos como séries que proliferam-se em outros processos que neles estão implicados.

As narrativas de Franz Kafka possuem personagens/sujeitos sem holofotes que se metamorfoseiam e desmancham-se na malha narrativa e/ou processo histórico. Esses sujeitos sem holofotes ou grandes brilhos são construções sociais e que a qualquer momento pode ser ocupado por algum nome, algum rosto. Que razão tem saber tem em saber como se denomina os dois guardas que vem prender Josef K., até a denominação do inspetor que o interpela inicialmente, ou do juiz que se recusa a interrogá-lo pelo fato de se apresentar depois do horário marcado na primeira audiência e até quem é o carrasco que o sufoca e lhe crava a faca no peito no capítulo final⁹⁸? O que interessa, aqui, são os locais de personagem/sujeito em que eles se encontram, locais e postos nos quais a sociedade concebe saberes e exerce poderes: inspetor, juiz, operário, mão, funcionário público, secretária, artista. São estes os locais em que personagens/sujeitos distribuem-se na trama narrativa e fazem acionar seu processo.

Nesse raciocínio, numa sociedade de razão burguesa especificada pela queda do *status* aristocrático do nome e do sangue, pelo anonimato do indivíduo, o que se apresenta não é a soberania e a magnitude do herói épico ou trágico da idade clássica ou da idade média. Uma sociedade tida como *moderna*, é uma sociedade vista aqui como uma sociedade das massas, de sujeitos múltiplos e coletivos, solitários, embaralhados na

⁹⁶ Ver o ensaio de Durval Muniz de Albuquerque intitulado: *No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final*.

⁹⁷ Ver Paul Veyne no ensaio intitulado: *Foucault revoluciona a história*.

⁹⁸ Ver *O Processo* de Kafka, páginas 40, 45, 71 e 253.

multidão, no *El acoso* da burocracia, alienados no capital e no maquinismo. Nesse sentido, apesar de serem açoitados pela malha burocrática não são menos capacitados em proliferar uma linha de fuga ou criarem mutações em sua teleologia de vida. Porém, realizam essa mudança não em um instante extraordinário, mas sem saberem ao certo que alterações possam ocorrer em seus destinos com um gesto simples e até impensado. Na palavra que foge e gesto impensado. Nesse aspecto, em relação a Josef K., se ele não se apresentasse atrasado na audiência o processo poderia ir “para a gaveta”⁹⁹. Se o comandante não houvesse proporcionado alimentação ao condenado e este não houvesse vomitado no momento de sua execução o rumo dos acontecimentos poderia seguir sua lógica *Na Colônia Penal*.¹⁰⁰ Então, pensando Durval Muniz de Albuquerque¹⁰¹ em relação à obra de Kafka e a escrita da história:

A história não é como um castelo, com sua torre central, de onde um sujeito soberano a pode visualizar em seu devir e pode tomar as decisões que vão mudar seu rumo. A história é como um labirinto de corredores e portas contíguas, aparentemente todas semelhantes, mas que dependendo da porta que o sujeito escolhe abrir, pode estar provocando um desvio, um deslizamento para outro porvir (ALBUQUERQUE, 2004, p.21).

Pensemos estas passagens:

Amanhecia. Uma das paredes laterais do galpão fechava-se, inteiriça; havia na outra janela altas, inatingíveis. Por uma larga porta víamos, através das barras, das cercas de arame. Abriu-se, as filas moveram-se, marcharam, entram no curral, volveram à esquerda, transpuseram a cancela e, engatadas em linha extensa, ondulam no pátio...andávamos lentos, em fundo silêncio, os braços cruzados...Baixei a cabeça, vi um pãozinho redondo sobre a tábua; no líquido frio boiavam cadáveres de moscas...retirei-as, bebi o caneco de água choca. Entramos em forma, voltamos, cabisbaixos e de braços cruzados. Convenci-me enfim de que éramos novecentas pessoas; a curiosidade esfriou e derramou-se. (RAMOS, 2008, p.343)

Que idade tem o senhor?-calcule. – Sessenta e cinco disse o interlocutor sem vacilar.- Por aí, pouco mais ou menos, concordei num abatimento profundo. Sessenta e cinco anos. Andava em quarenta e três e meses (...)A morte se aproximava, surripiava-me de chofre vinte e dois anos; o resto iria sumir-se, evaporar-se(...)A gente mais ou menos válida tinha saído para o trabalho, e no curral se desmoronava o rebotalho da prisão, tipos sombrios, lentos, aquecendo-se ao sol, catando bichos miúdos. Os males interiores refletiam-

⁹⁹ Idem, p.71.

¹⁰⁰ Ver Franz Kafka *Na Colônia Penal*, páginas 23, 24 e 25.

¹⁰¹ Ver Durval Muniz de Albuquerque no ensaio: *No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final*.

se nas caras lívidas, escaveiradas (...) Na imensa porcaria, os infames piolhos enfrentavam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga. Deficiência de tratamento, nenhuma higiene, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos. Enfim não nos enganava. Estávamos ali para morrer.(RAMOS,2008,p358.)

Levaram-me a uma das formalidades inevitáveis da burocracia das prisões (...)provavelmente não existia razão: éramos peças do mecanismo social- e nossos papéis exigiam alguns carimbos. A degradação se realizava dentro das normas.(RAMOS,2008, p.414)

Os tamancos deixados no cubículo 50, no Pavilhão dos Primários, faziam-me falta. É estúpido mencionar isso; contudo não conseguimos prescindir lá dentro de tais insignificâncias. De fato, não eram insignificâncias. Os sapatos duros e estreitos magoavam-me os calos; seria bom juntar aos pés inchados pedaços de madeira presos com tiras de panos. Os tamancos me dariam folga, relativa liberdade. (RAMOS, 2008, p.415)

O que pensar nessas passagens enquanto proliferação das séries nas *Memórias do Cárcere*? Não seria aí a série dos sapatos? Série das cabeças-baixas? Série das indumentárias? Série dos alimentos? Trata-se de abrir um campo de imanência que vai funcionar como segmentos contíguos da máquina prisional, por vezes precipitando uns nos outros e tomando uma dimensão de maquinação. Por isso, que a série dos tamancos- “os tamancos deixados no cubículo 50”- a série dos alimentos- “vi um pãozinho redondo sobre a tábua”- a série dos insetos - “cadáveres de moscas”- série dos animais “ a matilha impudica”- série das doenças - “as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga”- série do tempo - “Que idade tem o senhor?-calcule. – Sessenta e cinco”- série das caveiras- “Os males interiores refletiam-se nas caras lívidas, escaveiradas” - série da burocracia - “Levaram-me a uma das formalidades inevitáveis da burocracia das prisões” - série da contabilidade - “no curral se desmoronava o rebotalho da prisão, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos” - série da cabeça baixa - “andávamos lentos, em fundo silêncio, os braços cruzados, baixei a cabeça” - realizam um agenciamento mortífera numa rede coextensiva de forças que imantam nas linhas das *Memórias do Cárcere*. Assim, urge pensar uma lei não piramidal, mas as leis brotando de “uma porta para outra”, por séries contíguas e não por verticalizações e distância. Por isso que as séries estarão entrelaçadas a tal forma e conteúdo de expressão ao funcionamento da máquina. Porém, ela não existiria sem essa

contigüidade das séries que se atravessam como “tocas de formigas” ou caminhos de “piolhos” na carapinha.

Nesse raciocínio, as séries num regime disciplinar constituem aquilo que Foucault¹⁰² chamou de anatomia disciplinar: “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2003, p.97). Detalhes que “de fato não são insignificâncias”, ou seja, estas séries estão num agenciamento que visam acima de tudo o morticínio: “a morte se aproximava, surripiava-me de chofre vinte e dois anos; o resto iria sumir-se, evaporar-se”, até porque, “não nos enganava. Estávamos ali para morrer”. Com isso, a série burocrática está engrenada com uma pulsão de morte da instituição prisional e seus “carimbos”, pois, há uma economia e uma administração que entrelaça a Prisão.

Ora, quanto o Estado vai repassar por cada indivíduo preso? O quanto a sociedade gasta para manter esse espaço extra-legal que fundamenta o aparelho jurídico? Este aparelho jurídico que executa as leis que historicamente protege a propriedade privada e os “bons costumes” da moral burguesa que não param de proliferar discursos da existência da delinquência e da loucura para legitimar a continuidade da instituição policial? Por fim(ou início) a instituição prisional não é um gasto, nunca foi, ela é um espaço da jogatina, já que, se a considerarmos como construção historicamente estratégica, ela sempre fundamentou os discursos jurisprudência conciliados com a normatização da sociedade, seus regimes punitivos justificados e a lucratividade da burguesia em detrimento do “surrupio da vida”. Por isso, uma série da burocracia está relacionada com a feitura de uma cartografia social, como uma cartografia social está imbricada na série burocrática da Prisão. Ou seja, se trata de “peças do mecanismo social”, de uma degradação “dentro das normas”¹⁰³.

Na série dos alimentos, por exemplo, ela está imbricada com a série da burocracia perfazendo “a bóia sórdida”. Ou seja, a repulsa do alimento pálido- “bebi o caneco de água choca”- ou a sua ingestão insossa e degradante significa o poder da dimensão social que atravessa a alimentação no cárcere. Por isso, além de proliferar a esqualidez do corpo com inanição ou apostar na sua dormência (a ironia e o adjetivo destes

¹⁰² Ver o livro *Vigiar e punir* de Michel Foucault.

¹⁰³ Essa relação com a normatização disciplinar da sociedade e as prisões, enfim, sua economia simbólica (quanto se gasta? quanto se lucra?) é primorosamente trabalhada no livro *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* da historiadora francesa, Michelle Perrot.

alimentos por parte da narrativa enfatizam ainda mais a estarmos à espreita com essa série) investi-se principalmente no esvaziamento das rebeldias políticas pela fome. Nesse aspecto, esta série do alimento estará ligada à política punitiva na medida em que a gorda saúde dominante do disciplinamento passa a prevalecer no cárcere e na vida. Enfim, está em jogo na série dos alimentos nas *Memórias do Cárcere* a razão gulosa e um inconsciente faminto.

Além das séries e acontecimentos provocarem outra interpretação nas *Memórias do Cárcere*, o que mais de produtivo podemos pensar nessa relação? A fabulação de uma língua menor. Por isso,

a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos retira o poder de dizer Eu. (...) Não há literatura sem fabulação, o que significa que a função fabuladora não consiste em imaginar um eu, ao contrário, ela atinge dimensões, eleva-se até esses devires ou potências (DELEUZE, 1996, p.14).

Aliado a um pensamento, podemos pensar a literatura enquanto delírio na relação entre a narrativa Kafkiana e as *Memórias do Cárcere*. Nesse sentido, segundo Deleuze¹⁰⁴: “Não há delírio que não passe pelos povos, pelas raças, pelas tribos, e que não habite a história universal” (DELEUZE, 1997, p.16). Com efeito, esse delírio movimenta-se entre a doença e a saúde, por isso, “o delírio é uma doença, a doença por excelência, quando ergue uma raça que se pretende pura e dominante. Mas ele é a medida de saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida, que não pára de se agitar sob as dominações, de resistir a tudo o que o esmaga e aprisiona” (DELEUZE, 2008, p.16). Por isso, que estes devires, estas séries em Kafka fazem funcionar uma multiplicidade da língua, das minorias que se rebelam em face aos sufocamentos, quicá dos esmagamentos nazifascistas que assolaram o século XX na Europa e na América latina, ou dos regimes totalitários que ainda prevalecem em países da África e da Ásia. Nesse modo, a importância de ficar “à espreita” com as contigüidades, com a justiça e seus inspetores que batem na porta de Josef K., ou com o fascismo larvar que pode vir à tona e multiplicar-se como manchas de óleo ao mar. Assim, “não existe uma língua

¹⁰⁴ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed.34,1997.

mãe, mas a tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política”(DELEUZE e GUATTARI,1995,p.16)¹⁰⁵.

Nesse aspecto, pensar Kafka nos registros das *Memórias do Cárcere* nos aproxima de agitações nas *cartografias infernais da miséria*¹⁰⁶, até porque, “uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência” (DELEUZE, 1995, p.16). Ora, quantas invasões, quantas colonizações, vilipendimentos, barbáries se edificaram em torno desta tomada de uma língua dominante nas Américas e Áfricas? Quantos povos destribalizados tiveram suas línguas decepadas? Quantas vezes o patriarcalismo reproduziu o papel do Estado no seio familiar? Quantas vezes ficaremos *diante da porta da lei* envelhecendo com o passar das estações? Quantos massacres do Carandiru teremos que presenciar? A cultura enquanto documento de barbárie como pensa Walter Benjamin perpassa *na e com* linguagem na medida em que ela se impõe como língua hegemônica. Kafka bem soube disso. É fundamental este exercício nas *Memórias do cárcere*, é vital este exercício na literatura, pois, como pensa Silviano Santiago¹⁰⁷ no rastro dessa afirmação política da língua: “falar, escrever, significa falar contra, escrever contra” (Santiago, 2000, p.20).

Falar de minoração da língua passa necessariamente pela noção de multiplicidade rizomática. Desse modo:

As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse ainda que

¹⁰⁵ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix Guattari. *Rizoma*. __in: *Mil Platôs*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Ed.34, 1995, Vol. 1.

¹⁰⁶ ONFRAY, Michel. *A política do rebelde: um tratado de resistência e insubmissão*. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.p.60. “Espalhar-se como manchas de óleo”, penso aqui nessa “cartografia infernal da miséria” no traço do filósofo Michel Onfray. Ele diz o seguinte a este respeito: “A que, então, se assemelhará hoje uma cartografia da miséria? Não uma miséria metafísica, limpa, transfigurada pela filosofia que a definiria como falta ou penúria existencial, inadequação entre o ser e o ter, antinomia radical entre a aspiração e a posse, impossibilidade total de gastar que suporia o confinamento na preocupação única de uma economia de si mesmo ou de uma pura e simples sobrevivência, mas a miséria encarnada, a miséria encarnada, a miséria suja que tem nomes: mendigo e desempregado, delinqüentes e trabalhadores temporários, aprendizes e empregados, operários e proletários, aquela que roda a bolsa com as prostituídas, dorme sob a ponte com os vagabundos, deita-se no leito com os prisioneiros, assombra o sono e a noite das pessoas sem trabalho (...) chamo de maldito aquele que não tem mais nada além de si próprio e vive exclusivamente à maneira dolorosa das necessidades vitais e animais: comer e beber, primeiro, dormir depois, se proteger das intempéries da vida. Nada mais.” (ONFRAY, 2001, pp.63-64).

¹⁰⁷ SANTIAGO, Santiago. O entre-lugar do discurso latino americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.20.

fosse para abortar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (...) um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade de que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.16).

Ora, não existe melhor método de compreender/experimentar a obra de Kafka se não por este método *rizomático*. As galerias do *processo*- da sala do pintor Titorelli para o tribunal. Do tribunal para o manicômio - do manicômio para o escritório. O caminho do *castelo*-quanto mais se aproxima, mais se distancia e vice-versa- os personagens mudam de configuração à medida que realizam este movimento.¹⁰⁸ Com efeito, uma premissa rizomática da obra de Kafka não faria funcionar uma melhor análise nas *Memórias do cárcere*? Não à toa a narrativa das *Memórias do Cárcere* desfaz a divisão de sujeito de enunciação e sujeito de enunciado. O eu narrador é abolido da narrativa. A identidade narrativa é fissurada para dar passagem às multiplicidades. Inexiste a arborescência nas *Memórias do cárcere* ou núcleo pivotante, até porque a proliferação das séries é imanente na malha narrativa. Não à toa o narrador esgueira-se pelos cantos. Dialoga-se um *Processo* de Kafka com o *Processo* de Graciliano Ramos- qual a acusação? Qual o processo? O porquê da prisão?¹⁰⁹ Talvez, seja por isso que o narrador desconfia dos que estão ao seu lado não somente pelo fato de estar encarcerado num regime de sítio e de perseguição como o Estado novo- um espião? Um condenado? Um carrasco? Um juiz?-mas fundamentalmente por intensificar uma realidade administrada e poluída por um *Eros* burocrático, de indivíduos esmagados pelo maquinismo, pelo capital e concreções fascistas- a relação com a atualidade é inevitável-¹¹⁰. Assim, as personagens de Kafka e Graciliano mudam de acordo com as dimensões da malha

¹⁰⁸ KAFKA, Franz. *O Castelo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁰⁹ “Ora, doutor, para que tantas minúcias? Como é que o senhor vai preparar a defesa se não existe acusação? O advogado estranhou a minha impertinência. Em que país vivíamos? Era preciso não sermos crianças.-Não há processo.-Por que é que o senhor está preso?-sei lá! Nunca me disseram nada.”(RAMOS,2008, pp.660-661).

¹¹⁰ “Absurdo julgar que histórias simples, produtos de mãos débeis e inteligência débil, constituíssem arma. Não me sentia culpado. Que diabo! O estudo razoável dos meus sertanejos mudava-se em dinamite.” (Ramos, 2008, p. 661). “Surpreso e inquieto, perguntei a mim mesmo por que me enviavam àquela prisão. Deviam estar ali, supus, as criaturas forçadas a cumprir sentença, e ainda não me haviam dito uma palavra a respeito dos meus possíveis crimes. Tinham-me obrigado longos meses a rolar para cima e para baixo; aplicavam-me agora uma condenação enigmática.”(Ramos, 2008,p.550)

narrativa e sua possibilidade de agenciamento. Inclusive os próprios autores, que se tornam agenciamentos, diluem-se no labirinto dos escritos. E tudo isso correndo-se

o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito- tudo o que se quiser, desde as ressurgências edípicas até as concreções fascistas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.18).

Seguindo os fios desse rizoma, eis o que Franz Kafka pontua em sua produção literária em *Carta ao pai*:¹¹¹

As coisas que me vêm ao espírito se apresentam não por sua raiz, mas por um ponto qualquer situado em seu meio. Tentem então retê-las, tentem então reter um pedaço de erva que começa a crescer somente no meio da haste e manter-se ao lado (KAFKA, 2004, p.23).

Nesse aspecto, se o paradigma do pensamento “foi o *logos*, o filósofo-rei (...) o tribunal da razão (...) é porque o Estado tem a pretensão de ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.36). Então, o autor Tcheco intensifica a criação “por um ponto qualquer situado em seu meio”, sem criar raízes, mas retém uma erva para que ela possa multiplicar-se, proliferar-se, pois, não se trata de começar, nem terminar, mas fazer desse meios - o que não significa a média ou meio termo - um lugar da velocidade, um lugar para roer as margens, construir travessias para ir de uma dimensão a outra dos registros, deslocar-se de uma linha diferenciada para outra. Nesse sentido, é essa relação *entre o meio* com seu *rizoma*, com seu *agenciamento*, com seus *devires* que penso Kafka com as *Memórias do Cárcere*. Talvez seja neste meio que Silviano Santiago fabula *Em Liberdade* de Graciliano Ramos. Possivelmente, é o mesmo- em singularidade é claro! - o que Orson Wells faz com o cinema em *The Trial* rizomatiza Kafka. Chico Science com as *lamas e caranguejos* de Recife. José Saramago com o *Ensaio sobre a cegueira* do ocidente. O que Naná Vasconcelos realiza com a sonoridade tribal-menor- africana fazendo emergir a multiplicidade de sentidos na baqueta e cabaça do berimbau para a invenção de uma Bahia que falta. É o que as lentes de Nelson Pereira dos Santos opera

¹¹¹ KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2004.

com o cinema novo em *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*. É Basquiat com suas pinturas minorando o inglês. Enfim, saudações aos *Gregors Samsas* do mundo inteiro!

4. Entre as *Memórias do cárcere* e *Na colônia penal*: escrever enquanto magreza, enquanto corpos em devir nas agulhas do rastelo

“Não imagino uma filosofia sem o romance autobiográfico que a torne possível” (Michel Onfray, *A política do rebelde*).

“Chicoteando a sua carne para despertar até a véspera deste exílio, Artaud quis proibir que a sua palavra lhe fosse soprada longe do corpo” (Jacques Derrida, *A palavra soprada*).

Pensando o sujeito enquanto um agenciamento, uma derivada, significa que este sujeito germina e transcende na espessura do que se enuncia, do que se vê. Por isso, que Foucault pensará uma premissa pertinente quanto à “idéia” de homem infame, pois, um infame não se define por “um excesso no mal, mas etimologicamente como homem comum, o homem qualquer, bruscamente iluminado por um fato corriqueiro, queixa dos vizinhos, presença da polícia, processo... É o homem confrontado ao poder, intimidado a falar e a se mostrar” (DELEUZE, 2008, p.134).

Nessa linha de pensamento, que traçado orienta este capítulo? O aparelho disciplinar das instituições carcerárias, quicá de confinamento atua *no* e *com* o corpo. Sendo assim, aqui experimentará um exercício de *como Na Colônia Penal* de Kafka e as *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos apresentam o corpo não somente como um lugar imanente à confecção de suas malhas narrativas, mas como fabulam uma “corpografia” nos muros e grades e além deles. Enfim, linhas de vida numa literatura espacejada com corpo(s) infame(s).

Pensemos: qual a potência de um corpo? O que realizaram com o corpo? Até que extremos o corpo foi segregado de sua potência? Nesse sentido,

não bastaram o extermínio da maioria dos índios da América, o retalhamento do corpo do negro durante séculos de escravidão, a redução do corpo da mulher à procriação e à genitalidade, a censura à masturbação das crianças, entre uma série de outras atrocidades. Ainda era necessário “vigiar e punir” os corpos que restaram, ou pior que isso: investir na “captura” dos desejos possíveis “(MOREIRA, 2002, p.158).

Nessa perspectiva, pontuamos que essas práticas de aniquilamento do corpo são colocadas em “xeque” principalmente a partir dos anos 60, com a contracultura, com as barricadas do desejo, com os abalos aos pilares do logocentrismo ocidental, da

modernidade (Ser, Razão, Deus, Estado) e a crítica radical ao estalinismo com o burocrativismo partidário e suas representações políticas. Ora, se trata de liberar o corpo da lógica infame onde quer que ela se manifeste. Trazer sua força com vigor e alegria desde que foi capturado pelo cristianismo, desde que se instalou a propriedade privada, desde que se edificaram as Prisões.

No ensaio *O corpo, a vida, a morte* o filósofo Peter Pál Pelbart¹¹² elabora um questionamento pertinente para este capítulo da dissertação: “O que é que o corpo não agüenta mais? Ele não agüenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro” (Pelbart, 2004, p.143). Nesse aspecto, esta coação exterior/interior do corpo foi narrada por Nietzsche como o civilizatório adestramento progressivo a ferro e fogo que construiu a moldagem homem a que estamos habituados. Na esteira desse pensamento, Foucault¹¹³ nos menciona o seguinte:

Pensamos(...)que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que escapa à história...ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos- alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais, simultaneamente ele cria resistências(FOUCAULT,1984,p.27).

Se a moldagem do corpo moderno está relacionada à sua docilização e utilidade pela lógica das tecnologias disciplinares, é porque desde a revolução industrial foram comportando as forças do homem. Assim, “seria preciso afastar uma tese muito difundida de que o poder nas sociedades burguesas e capitalistas teria negado a realidade do corpo em proveito da alma, da consciência, da idealidade” (PELBART, 2004, p.144). “Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder (...). Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa?” (FOUCAULT, 1984, p.27).

Nesse entendimento, penso que o corpo não resiste mais ao retalhamento praticado pela razão do adestramento, pela disciplina e toda uma cartografia da crueldade. Assim, o não mais resistir, diz respeito inicialmente a esta cartografia da narcose e da martirização do cristianismo e, posteriormente, o discurso médico que

¹¹² Ver Peter Pál Pelbart, o ensaio *O corpo, a vida, a morte*.

¹¹³ Ver Michel Foucault, o ensaio *Nietzsche, a Genealogia, a História*.

patologizou a predisposição de um corpo infame, sem falar dos regimes de produção do capitalismo. Por isso, há um rastro de moral, patologia e disciplina, um ao lado do outro traduzindo insensibilização, negação e tritramento do corpo. Desse modo, para pensar numa linha de fuga desse corpo (mesmo sabendo do risco desse corpo desembocar na moral e na patologia), seria preciso fazê-lo funcionar naquilo que lhe é mais próprio, sua dor no contato com o exterior, sua relação de corpo afetado por forças do mundo, por afetos, por devires-moleculares que substitui o universo do sujeito, todavia, não adoecido e exaurido por regimes de sujeição ou fechado no pronome EU. Assim, retomando Peter Pál Pelbart: “um corpo não cessa de ser submetido aos encontros, com a luz, o oxigênio, os alimentos, os sons e as palavras cortantes- um corpo é primeiramente encontro com outros corpos” (PELBART, 2004, p.145).

Situemos duas passagens bem modestas *Na Colônia Penal* e nas *Memórias do Cárcere*:

Fixar nele as agulhas deu origem a algumas diferenças técnicas, mas depois de muitas tentativas o objetivo alcançado. Não pouparemos esforços para isso. E agora qualquer um pode ver através do vidro como se realiza a inscrição no corpo. O senhor não quer chegar mais perto e observar as agulhas? (KAFKA, 1996, p.17)

Um ar de fadiga inquieta, a pele baça, o olhar esgazeado, e completo desleixo, indiferença de quem desceu muito e já nem tenta causar boa impressão. A barba atestava a ausência regular de navalha e sabão; no crânio rapado a máquina, de lividez cadaverosa, protuberâncias avultavam. A fala abafada entrecortava-se de hiatos. (RAMOS, 2008, p.76)

Se no texto *Na colônia penal* destaca um diálogo sem muitas hipérboles com a fala seca entre o Oficial e o inspetor convidando o leitor ao lado da cena¹¹⁴- “O senhor não quer chegar mais perto e observar as agulhas”- e nas *Memórias do cárcere* o depoimento corta a tranquilidade contemplativa do leitor, com descrição do flagelo humano- “no crânio rapado a máquina, de lividez cadaverosa, protuberâncias avultavam”- então, trata-se de pontuar na fala abafada “entrecortada de hiatos” as

¹¹⁴ ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Trad. Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2006. “O procedimento de Kafka, que encolhe completamente a distância, pode ser incluído entre os casos extremos, nos quais é possível aprender mais sobre o romance contemporâneo do que em qualquer das assim chamadas situações médias “típicas”. (ADORNO, 2006, p.61).

trilhas para pensar o corpo em seu agenciamento. Possibilitar uma situação em “que agora qualquer um pode ver através do vidro como se realiza a inscrição no corpo”.

O corpo esquelético tangenciando o inumano em *Memórias do Cárcere*. Uma narrativa testemunhal de linguagem concisa, ironia ácida, com uma interlocução entre texto-leitor-autor num permanente processo de re-leitura para um mapa de possibilidades proporcionando à malha narrativa não somente uma fratura do real ou corpos amorfados no vilipêndio do cárcere, mas, ao mesmo tempo, a experiências desses corpos escorrendo em outros corpos, ou como relata Wander Melo Miranda em *Corpos escritos*:

Inicialmente, o ato de deixar o corpo doente fora da escrita a impulsiona enquanto possibilidade de salvar a vida, de escapar do desespero, da afasia e do silêncio. Ao dar andamento ao diário, entretanto, o diarista percebe que para a concretização efetiva daquela possibilidade ele não pode, mesmo que o queira, desviar o olhar e a atenção do “estado lastimável” do seu corpo ou tentar mantê-lo calado, não só porque “todo o corpo fala quando o homem diz palavras”, mas também porque é no corpo-a-corpo com a adversidade, e não no seu escamoteio, que ela poderá ser rechaçada e vencida. Não se trata de entregar-se à mística da dor- eterno compromisso do corpo com o ambiente concentracionário- mas de desvencilhar-se dela, fazendo reacender no corpo a *paixão* e conduzindo-o à alegria de antes, ao seu ardor de buscas e encontros, de fugas e rompantes (MIRANDA, 2009, p.150)

Seguindo o pensamento de Wander Melo Miranda no qual “todo corpo fala quando o homem diz palavras, mas também é no corpo-a-corpo com a adversidade, e não no seu escamoteio, que ela poderá ser rechaçada e vencida”, significa *torcer o corpo da escrita* para intensificar a *escrita do corpo* nas *Memórias do cárcere*.

As agulhas do rastelo inscrevendo e fazendo jorrar um líquido cáustico na pele do condenado *Na Colônia Penal* de Franz Kafka exalando um cheiro de sangue e carne triturada. Nesse ato, em que se acompanha a naturalidade da apreciação do Oficial e do Explorador durante a execução do condenado-“O explorador tinha pouco interesse pelo aparelho e andava de um lado para outro por trás do condenado, com uma indiferença quase visível”¹¹⁵- marca uma singularidade da ficção Kafkiana: “o espantoso não

¹¹⁵Ver *Na colônia penal*, p.6.

espanta ninguém. Por isso, concordando com Günther Anders¹¹⁶, num comentário crítico à obra do escritor tcheco:

em Kafka, não são os objetos nem as ocorrências como tais, mas o fato de que seus personagens reagem a eles descontraidamente, como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais- a trivialidade do grotesco que torna a leitura aterrorizante (ANDERS,2007, p.21).

Assim, se existem singularidades entre a ficção kafkiana e a narrativa das *Memórias do Cárcere* não se trata aqui de esgotar um exercício ou uma tipologia de diferenças entre a narrativa destes autores - seria demasiado cansativo-, até porque, perderíamos o horizonte da fabulação, do palimpsesto e das pontes. Contudo, não significa que deixaremos de pensar a questão do corpo enquanto saúde e doença na *usina* literária entre Graciliano Ramos e Franz Kafka¹¹⁷ como pressupõem as premissas a seguir:

Outras figuras pálidas encolhiam-se, esgueiravam-se, deram-me a impressão de moscas envenenadas a debater-se a custo, a esmorecer num sussurro (...). Cansaço, gastura, a carne e os nervos a embotar-se. Conseqüência da noite horrível, sem dúvida, a trave a roçar-me as costelas, os dentes dos percevejos, as cenas do porão e da colônia correccional (...).O dia, abertas as grades, nos revelava de chofre o desmantelo e nos desarmava. Estávamos fracos e incapazes (...). A idéia de moscas tontas a desfalecer-se no inseticida, batendo as asas lânguidas, vinha-me com insistência. Algumas procuravam-se resistir à sonolência mortal. Em cima, no terraço, os militares excediam-se no exercício físico (RAMOS, 2008, p.110).

Escrevo isso certamente determinado pelo desespero por meu corpo e pelo futuro com esse corpo (...). O que escrevi de melhor se deve à capacidade de poder morrer contente. Em todas estas boas e convincentes passagens, trata-se sempre de alguém que morre, o que lhe é muito duro, que vê nisso uma injustiça e, ao menos, um rigor para consigo; ao menos segundo penso, isso é tocante para o leitor. Para mim, entretanto, que creio poder estar contente no

¹¹⁶ ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra*. Trad. Modesto Carone. 2ªed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Situando ainda mais o pensamento de Günther Anders com a obra de Kafka e esse “espantoso que não espanta ninguém”, eis o que ele acrescenta: “Todos nós estamos a par dos “aposentos sociais” que os chefes de campo de extermínio mobiliaram com estofados, vitrolas e quebra-luzes, parede-meia com as câmaras de gás. A sala de estar de K., no ginásio de esportes de *O Castelo*, não é em nada mais fantástica do que esses cômodos contíguos às câmaras de gás, os quais, sem dúvida, pareciam normais a seus usuários. Esse cruzamento “louco”(“deslucado”) de ambientes, empreendido por Kafka, é, na verdade, uma descrição da realidade; uma descrição do fato de que, hoje em dia, o “mundo dos deveres” e o “mundo familiar privado” têm pouco a ver um com o outro, ainda que se instalem sob o mesmo teto ou, pelo menos, se interseccionem como mundo *único*. Na realidade, o exterminador industrializado e o jovial pai de família são um único e mesmo homem. Mas, uma vez que a total discrepância entre as “esferas da vida” é considerada natural, do ponto de vista social, e que o espanto ou horror não podem ser, afinal, uma disposição vital perpétua do homem médio, o método de Kafka, de colocar o espantoso como algo despojado de espanto, é completamente realista.”(ANDERS, 2007,p.22).

¹¹⁷ Cf.Franz Kafka. *Journal*, Grasset, 1954.

leito de morte, tais descrições são secretamente um jogo; alegro-me em morrer na figura que morre (KAFKA, 1954, p.410).

O escritor - aqui Kafka e Graciliano - não gozam de uma saúde que lhe dê um alento confortável para respirar. Sua saúde é frágil. Seus corpos são ressequidos, mas elástico. Faz passar *com e nele* forças que se elevam em máxima amplitude pela sua sensibilidade. Assim, falando dessa saúde no escritor, Deleuze¹¹⁸ utiliza a seguinte imagem:

O escritor goza de uma saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo, devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis (DELEUZE, 2008, p.15).

Ora, ao se defenderem das feridas mais grosseiras eles se abrem para acolherem as variedades das afecções sutis - “deram-me a impressão de moscas envenenadas”, “a trave a roçar-me as costelas”, “dentes dos percevejos” - . Nesse sentido, a abertura do corpo-escritor torna-se ativo a partir deste sofrimento, dores e afetação: “escrevo isso certamente determinado pelo desespero por meu corpo e pelo futuro com esse corpo”. Ou seja, esta sensibilidade torna-se ativa não de uma razão que coisifica a vida dentro de uma gramática de um corpo blindado: “Em cima, no terraço, os militares excediam-se no exercício físico”, mas a partir de um “*Artista da fome*”, da magreza deste corpo-escritor: “Estávamos fracos e incapazes”. De torna-se passagem entre passagens destes afectos - cai por terra a separação entre sujeito e objeto - estando à altura dele, igualando-se a ela por resposta a “uma injustiça” de “alguém que morre” mesmo que este corpo-escritor chegue a uma “sonolência mortal”, pois, “para mim, entretanto, que creio poder estar contente no leito de morte, tais descrições são secretamente um jogo”.

Por vezes, Kafka e Graciliano não sabem qual órgão do corpo é privilegiada uma re-tradução, mesmo que temporariamente desses afectos/forças. Há um *Corpo sem órgãos*¹¹⁹, porque não há órgão privilegiado: “Cansaço, gastura, a carne e os nervos a embotar-se”. Sabe que algo vai ser produzido, mas não se sabe o que vai ser produzido. “O corpo é tão somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos

¹¹⁸ Ver Gilles Deleuze em *Crítica e clínica*.

¹¹⁹ Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari no ensaio *Como criar para si um corpo sem órgãos*.

comunicantes - o que povoa? o que passa? o que bloqueia?” (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p.13). O corpo porvir em meio ao dismantelo diário do cárcere. Combinação de outros órgãos neste devir: um corpo-mosca em *Memórias do cárcere*: “moscas envenenadas a debater-se a custo, a esmorecer num sussurro”. Corpo-Cão *Na colônia penal*: “uma sujeição tão canina que a impressão que dava era a de que se poderia deixá-lo vaguar livremente pelas encostas, sendo preciso apenas que assobiasse no começo da execução para que ele viesse”¹²⁰. Assim, este *tornar-se* do corpo diz não somente da sensibilidade do escritor no enfrentamento contra a sujeição do indivíduo em meio ao vilipendiamento do cárcere- “operava-se assim, em poucas horas, a transformação que a cadeia nos impõe: a quebra da vontade”-¹²¹ como também a uma dramatização do corpo enquanto cão, enquanto mosca, enquanto projeção crítica ao real na ampliação das lentes. Mesmo sabendo do risco de falecer sufocado pelo feltro, pelo “inseticida”.¹²²

Nesse sufoco, Antonin Artaud dedicou-se a expor a loucura enquanto performances enunciatórias de verdades insuportáveis para a sociedade e, por isso, por esses atos, ele teve de ser confinado no manicômio. Pelos artifícios literários, Kafka e Graciliano- *literatura enquanto vida, vida enquanto literatura!*- sutilmente, e ao mesmo tempo críticos, nos inquietaram com cenas intoleráveis na arquitetura do cárcere. Ora, fazer soar palavras ladrada do solo privado do signo onde quer que ele se torne cristalizado- compromisso imanente da literatura de Graciliano e Kafka- significa hiatos que surgem repentinamente, conjurando uma opaca literalidade ou um relacionamento sorrateiro: enfim, o corpo atinge dimensões para proporcionar travessias a devires insuportáveis. Como um homem infame que se vê acuado entre um beco sem saída diante de fuzis e toda uma artilharia policial, pois, confronta-se não somente com esta polícia, mas a uma torção do tempo, a uma fratura dos continentes que o agencia intensamente-violentamente com um corpo blindado de gorda saúde dominante de Getúlio Vargas, com o corpo do *Pai- Herman*, com os parasitas da burocracia, o exercício de poder e seus signos despóticos... o confinamento, o exílio, o hospício, o estado de sítio, a chacina, o cárcere...

¹²⁰ *Na colônia penal*, p.5.

¹²¹ *Memórias do cárcere*, p.33.

¹²² Alusão ao trecho das *Memórias do cárcere* e do feltro que “arrolha” a boca do condenado *Na colônia penal*.

4.1 Na colônia penal, ramificando o cárcere indelével

Em seguida a escrita do Romance *América ou o desaparecido*, Kafka termina em 1914 os manuscritos da novela *Na Colônia penal*. Embora tenha sido publicada em 1919, esta novela figura como uma das suas narrativas mais mortais e aterradoras pela sua violência manifesta, porém contida e marcada pela indiferença dos personagens no tecido narrativo quanto aos processos de dor, exercício do poder e escarificação do corpo pelas agulhas do rastelo. Por isso, apesar das figuras do novo e do antigo comandante, seus papéis tornam-se “relativamente limitado e a expressão da autoridade desloca-se rumo ao mecanismo do aparelho de imposição da morte. O estranho funcionamento desse instrumento puramente imaginário, inventado de ‘ponta a ponta’ pelo escritor, contribui grandemente para o fascínio exercido por esse escrito enquanto criação literária”(LÖWY, 2005, pp.82-83). Neste pensar, dificilmente não recordaríamos nas fábricas da morte do nazismo e/ou proliferação do extermínio pelos regimes totalitários que já despontavam nos séculos dos nacionalismos e no entre - guerras mundiais.

Aqui, a autoridade beira a um mundo em que se realiza o imperativo da máquina sobre os homens: ela já não é mais fruto da ação humana, mas de uma instância mecânica que se *emancipou* estabelecendo o seu primado. Ao longo da explicação do Oficial, o aparelho se apresenta paulatinamente como sendo fechado em si mesmo: “daqui para a frente ele trabalha completamente sozinho¹²³”; “o rastelo queria voltar à sua posição antiga, mas como se percebesse por si mesmo que ainda não estava livre de sua carga, permanecia sobre o fosso”¹²⁴.

O prisioneiro é *oferecido* à máquina para que esta possa realizar sua escrita: “nossa sentença não soa severa. O mandamento que o condenado infringiu é escrito no seu corpo com o rastelo. No corpo deste condenado, por exemplo- o oficial apontou para o homem -será gravado: *Honra ao teu superior!*”¹²⁵. Para Michel Löwy¹²⁶

¹²³ *Na colônia penal*, p.7.

¹²⁴ *Idem*, pp.47,48.

¹²⁵ *Na colônia penal*, p.13.

O próprio Oficial não passa de um servidor da máquina, sacrificando-se, no final do texto, a esse insaciável *Moloch*. A autoridade aparece assim, na sua figura mais alienada, mais reificada, enquanto mecânica objetiva. Fetiche produzido pelos homens acaba por subjugá-los, dominá-los e destruí-los (LÖWY, 2005, p. 90).

Nesse sentido, seguindo esta pontualidade *Na Colônia penal* o agente operador dessa inquietante narrativa não é nem o oficial- que exerce, ao mesmo tempo, o ofício de juiz, de carrasco e de mecânico¹²⁷- nem o explorador, que observa os procedimentos atentamente, mas com uma indiferença cáustica, nem o condenado, nem mesmo como se pensa amiúde, o comandante. É a máquina, *o aparelho*. Com efeito, quem é essa máquina e o que supõe Kafka ao intensificá-la na *forma narrativa da novela*? Qual a diferença e intenção das novelas animalistas e das novelas com máquinas abstratas como *Na Colônia penal*?

As novelas kafkianas são essencialmente animalistas ou dramatizadas em máquinas abstratas. A primeira criação de uma novela animalista é a *Metamorfose* fazendo do animal uma saída, uma linha de fuga, ainda que no mesmo lugar, no mesmo quarto. Por isso, que não se trata dos *tornar-se* animais um ataque, uma agressão de natureza animal, nem muito menos as migrações relativas que o homem opera quando viaja. Ao contrário, em Kafka, os *tornar-se* animais possui uma sobriedade e uma velocidade no mesmo local, em passos lentos, ultrapassando os limiares de intensidade da existência. Com efeito, a *Metamorfose* é, ao mesmo tempo, a relação de uma dupla desterritorialização: a que o homem exerce no animal, obrigando-o a fugir ou subjugando-o,

mas também a que o animal propõe ao homem, indicando-lhe saídas ou meios de fuga nos quais os homens jamais teriam pensado sozinho (a fuga esquiza); cada uma das desterritorializações é imanente a outra, precipita a outra, e a faz ultrapassar um limiar (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 54)¹²⁸.

¹²⁶ Ver Michel Löwy. *Franz Kafka: Um sonhador insubmisso*.

¹²⁷ Além do oficial estar num *tornar-se* das funções *Na Colônia penal*, o antigo comandante também figura nessa dinâmica : -Desenhos feitos pelo próprio comandante?-perguntou o explorador.-Então ele reunia em si mesmo todas as coisas?Era soldado, juiz, construtor, químico, desenhista?_ Certamente-disse o oficial. (KAFKA, 1996, p. 12).

¹²⁸ Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Franz Kafka: por uma literatura menor*.

Assim, esse tornar-se animal não tem nada de simbólico, metafórico ou alegórico. O homem realmente tornou-se um inseto monstruoso. Abriu um mapa de intensidade, um movimento da sala para o quarto, das escadas para debaixo da cama, todavia, esse movimento esbarra-se numa territorialização familiar impedindo que a novela prolifere mais ainda pelos círculos burocráticos, pois, *Gregor Samsa* é “tangido” para os cômodos para não encontrar com os inquilinos da firma de seguros, o que poderia abrir outro limiar de intensidade, começar outra série. Por isso, ao não se ramificar por outras séries, que “a metamorfose de *Gregor* é a história de uma reedipianização que o leva à morte, que faz seu tornar-se animal um tornar-se morte (...) oscilam entre um Eros esquizo e um Tanatos edipiano”(DELEUZE E GUATTARI,1977,p.55).

Nesse raciocínio, as narrativas animalistas, como a *Metamorfose*, dizem respeito à relação entre um Eros esquizo e um Tanatos edipiano sendo imantadas por índices maquínicos, um agenciamento desses índices-elementos: “Gregor-animal, a irmã musical, os índices objetos- da alimentação, o som, a foto, a maçã, e os índices-configurações, o triângulo familiar, o triângulo burocrático. A cabeça caída que se ergue, o som que se enxerta na voz e a faz descarrilar”(DELEUZE E GUATTARI,1977,p.71). Assim, esses índices maquínicos se apresentam quando uma máquina está sendo montada e já funciona, sem que se saiba exatamente ainda como se conduzem as partes díspares que a montam e a fazem funcionar, pois, é o movimento que impera na narrativa, mesmo que seja no mesmo lugar. Portanto, o que está em jogo são estes índices ligados com estados de intensidades do devir (Gregor animal- Gregor homem).

O inverso também acontece nas novelas: montadas, máquinas abstratas ligadas ao exercício da lei aparecem por si mesmas e sem índices a ponto de despedaçar ou parar seu funcionamento autodestrutivamente. Todavia, apesar da *Colônia penal* ter sido construída pelo antigo comandante: “é uma invenção do nosso antigo comandante (...) o mérito da invenção pertence totalmente a ele”¹²⁹ o seu despedaçamento não corresponde como repetidamente se pensa a necessidade de uma lei atual ou moderna, mas porque a lei e suas formas é intimamente intrincada com uma máquina abstrata que se autodestrói para que o veredicto da lei se conheça no ato da sentença, da punição:“-

¹²⁹ Na colônia penal, pp.7-8.

Ele não conhece a própria sentença? - Não, seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne”¹³⁰.

Nesse aspecto, essa imagem da transcendência da lei, com máquinas que se esmigalham, diz respeito, que é no processo de despedaçamento - Não se conhece como foi construída a máquina pela sua montagem, e sim pelo seu processo de autodestruição - que se ergue menos essa imagem transcendente e incognoscível da lei, e sim o *desmontar do mecanismo* de uma máquina na compreensão de suas conexões ligadas e justificadas no corpo “que tem necessidade dessa imagem da lei apenas para colocar em acordo suas engrenagens e fazê-las funcionar com um sincretismo perfeito” (DELEUZE E GUATTARI, 1977, p.65). Então, nessa desmontagem de uma máquina que se auto regula para exercer o veredicto, eis o que a narrativa Kafkiana nos apresenta:

Obviamente a máquina estava se destruindo; seu andamento tranqüilo era um engano (...) depois que a última engrenagem tinha saído do desenhador, ele- o explorador- se inclinou sobre o rastelo e teve uma nova surpresa, ainda pior. O rastelo não estava escrevendo, só dava estocadas, e a cama não rolava o corpo, apenas o levantava vibrando de encontro às agulhas. O explorador queria intervir, se possível fazendo o conjunto parar; já não era mais uma tortura, como pretendia o oficial, e sim assassinato direto. Ele estendeu as mãos. Mas o rastelo já se erguia para o lado com o corpo espetado, como só fazia na décima segunda hora”(KAFKA,1996,p.47).

Assim, essa lei bem material, apesar de sua aparente transcendência ou incognoscibilidade diz respeito às tecnologias de disciplinamento com suas agulhas escarificando nossa carne onde se inscreve os códigos sociais, que nos transformam em corpos dóceis, pois, não é a máquina que depende da repressão, é a repressão que depende da máquina.

Nas novelas animalistas encerram com eterno combate entre um *Eros* esquizo e um *Eros* de Tanatos chegando a um devir-morte de *Gregor*. Enquanto as novelas das máquinas abstratas operam pelo despedaçamento para tentar compreender as engrenagens do exercício da lei, que são transmitidas pela sentença das agulhas ligada a uma máquina “que estava se destruindo”, mas que, não chega a se ramificar concretamente como acontece nos romances *O castelo*, *O processo* e *América* que realizam um agenciamento maquínico do desejo com suas máquinas judiciárias, suas

¹³⁰Na colônia penal,p.13.

máquinas judiciárias, máquinas de manicômios, máquinas administrativas, máquinas de negócio.

O que podemos pensar com *Na colônia* numa interpretação ligada a um veredicto ou uma sentença que se espalha pela malha social? Para problematizar este questionamento primeiramente façamos uma travessia pelo aparelho, suas engrenagens:

É um aparelho singular (...) como se vê ele é composto de três partes. Com o correr do tempo surgiram denominações populares para cada uma delas. A parte de baixo tem o nome de cama, a de cima de desenhador e a do meio, que oscila entre as duas, se chama rastelo (...) Como o senhor vê, o rastelo corresponde à forma do ser humano; este aqui é o rastelo para o tronco, estes outros, os rastelos para as pernas. Para a cabeça está destinada apenas este pequeno estilete. Está claro? (...) Quando o homem está deitado na cama e esta começa a vibrar, o rastelo baixa até o corpo. Ele posiciona automaticamente de tal forma que toca o corpo apenas com as pontas; quando o contato se realiza, este cabo de aço fica imediatamente rígido como uma barra. E aí começa a função. O não iniciado não nota por fora nenhuma diferença nas punições. O rastelo parece trabalhar de maneira uniforme. Vibrando ele finca suas pontas no corpo, que além disso vibra por causa da cama. Para possibilitar que todos vistoriem a execução da sentença, o rastelo foi feito de cristal. Fixar nele as agulhas deu origem a algumas diferenças técnicas, mas depois de muitas tentativas o objetivo foi alcançado. Não pouparemos esforços para isso. E agora qualquer um pode ver através do vidro como se realiza a inscrição no corpo. (KAFKA, 1996, p.5-17)

Nesse sentido, a máquina com sua cama, desenhador e o rastelo permite pensar a prisão muito além de um lugar isolado de punição, mas emaranhada numa trama social maior: “E agora qualquer um pode ver através do vidro como se realiza a inscrição no corpo”. Por isso, me parece pertinente a leitura de Michel Löwy em *Kafka sonhador insubmisso* situando que “a ilha da novela faz mais pensar uma colônia “comum” do que numa colônia “penal”, pois, existe uma derivação social em torno do aparelho materializado na construção de uma vila.¹³¹

A máquina numa relação de *cárcere colonial* no seu estio mais perverso. Os oficiais e comandantes da *Colônia penal* são franceses; os condenados à morte e os soldados rasos são desprovidos do entendimento do francês, a língua oficial do *oficial*, a língua maior do *aparelho* - “pois o oficial falava francês e certamente nem o condenado nem o soldado entendiam o francês”¹³² - cabendo-lhe o reconhecimento dessa linguagem

¹³¹ Ver Michel Löwy em *Franz Kafka: um sonhador insubmisso*. P.84.

¹³² *Na colônia penal*, p.9.

pela gesticulação imperativa do oficial ou pela aplicação da sentença no próprio corpo: “com uma espécie de pertinácia sonolenta, dirigia o olhar para onde quer que o oficial apontasse, e quando este então foi interrompido pelo explorador com uma pergunta, também ele, da mesma forma que o oficial, olhou para o explorador(...)ele não conhece a própria sentença? Não- repetiu o oficial e estacou um instante...seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne”.¹³³

Esse colonialismo construído na violência do discurso, na pedagogia do gesto, na língua decepada - “existe este pequeno tampão de feltro, que pode ser regulado com a maior facilidade, a ponto de entrar bem na boca da pessoa. Seu objetivo é impedir que ela grite(...)evidentemente o homem é obrigado a admitir o feltro na boca, pois caso contrário as correias quebram sua nuca”¹³⁴-. Afinal, desenvolve-se um fascínio pelo aparelho. O aparelho não está lá para executar o homem, antes é o homem que está lá para “abraçar” o aparelho, para fornecer seu corpo sobre o qual ele possa escrever com as agulhas uma inscrição sangrenta “por um número muito, muito grande ornamentos.”¹³⁵

Nesse aspecto, pensando essa possibilidade de uma colônia penal que se ramifica na construção de uma vila, podemos nos indagar algumas questões. Não foram para conter as anormalidades, os atentados à propriedade, a docilização dos indivíduos que se criaram as instituições de confinamento com seus “rastelos e agulhas” que “corresponde à forma do ser humano”? Não foi necessário criar o discurso da monstrosidade para manter a sã moral com as fogueiras santas? Não construíram prisões, manicômios, para expurgar no indivíduo a periculosidade e a delinquência que venha a entranhar-se em seu corpo, ao mesmo tempo, que a instituição escolar, a fábrica, a polícia e a família constituiriam o lugar do corpo dócil e são? Ora, não é necessário existir a delinquência para existir polícia? Não estamos sendo acossados diariamente pelo maquinismo “o aparelho não está lá para executar o homem, antes é o homem que está lá para o aparelho”¹³⁶, desejando este *fetice* que nos encerra, nos subjuga, domina e destrói?E no limite, quando atuamos com barricadas revolucionárias do desejo apontando o perigo do

¹³³ Idem, p.12-13.

¹³⁴ Idem, p.10.

¹³⁵ Idem, p.20.

¹³⁶ Idem, p.22.

discurso reformista na cultura, na economia política, na democracia não surgem de prontidão os artifícios policiais numa “gesticulação imperativa do oficial ou pela aplicação da sentença no próprio corpo” investindo em nossa docilização ou no espancamento?

No rastro destas provocações penso e com insistência que esta vileza passa *com e na* linguagem chegando a fundar civilizações, a normatizar sociedades, essa construção material-imaginária que historicamente marca o corpo inscrevendo “honra ao teu superior”¹³⁷. Neste sentido, a língua oficial, maior- o francês- na *colônia* aponta a tomada de poder de uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política, encerrando saberes, línguas diferenciais numa sentença que lhe resta serem obliteradas, vilipendiadas pelo feltro na garganta, moldadas pelo rastelo. “Como o senhor vê, o rastelo corresponde à forma do ser humano; este aqui é o rastelo para o tronco, estes outros, os rastelos para as pernas. Para a cabeça está destinada apenas este pequeno estilete. Está claro?”.

Assim, concordando com Silviano Santiago nas *Raízes e labirinto da América latina*, a colonização cultural ainda passe *na e com* a língua ameaçada desde seu início pelos artifícios policiais da imposição de uma ordem na malha da cultura¹³⁸. Ou se preferirmos, pensemos na linha de Tvzetan Todorov na *Conquista da América*, em que a colonização, o processo de civilizar e seu processo de conquista passa em *reconhecer* sinais e signos pré-determinados pelo platonismo da linguagem, pelo etnocentrismo embutido na língua e não no *conhecimento-descoberta* das diferenças.¹³⁹ Ou quem sabe, como pensa Foucault, fazer dessa diferenças a construção do discurso de “Homens infames” fadados ao mal e ao perigo à civilização: “o condenado, uma pessoa de ar estúpido, boca larga, cabelo e rosto em desalinho”¹⁴⁰. Desse modo, pensando com Michel Löwy- o que me parece pertinente- o *aparelho* parece encenar a brutalidade da máquina colonial diante de “indígenas”, quiçá dos imigrantes, dos negros, mulheres,

¹³⁷ Idem, p.13.

¹³⁸ Ver Silviano Santiago em *As raízes e o labirinto da América Latina*.

¹³⁹ Ver Tvzetan Todorov em *A conquista da América: A questão do outro*.

¹⁴⁰ *Na colônia penal*.p.5.

homossexuais, dos presidiários, enfim, de minorias¹⁴¹, de todos aqueles que têm a marca indelével da tirania e do fascismo.

Nessa perspectiva, com Kafka aprendemos que uma produção da escrita, da leitura e da interpretação está ligada ou procura alcançar um agenciamento coletivo de enunciação e este mesmo exercício realiza-se com a novela *Na Colônia penal*, até porque, o que se apresenta não é um sujeito refletindo significações dominantes, ao contrário, há uma imanência da máquina em que tudo é agenciamento, expressão, objeto e sujeito ao mesmo tempo. Nesse sentido, qualquer ato pode exercer uma enunciação, sejam elas trajetórias semióticas, indivíduos, máquinas com correias em todas as direções, zonas do corpo.

Se a máquina da *Colônia penal* opera uma carga semiótica em que tudo, inclusive zonas do corpo venha a adquirir uma efetiva enunciação, não significa, segundo a crítica de Deleuze e Guattari¹⁴², que esta novela ramifique-se, como nos romances, num agenciamento maior, até porque, as máquinas abstratas de Franz Kafka se auto-despedaçam ou emperram sozinhas seu funcionamento: “E então deixou de funcionar a última coisa: o corpo não se soltava das agulhas longas, seu sangue escorria, mas ele pendia sobre o fosso sem cair. O rastelo queria voltar á posição antiga, mas como se percebesse por si mesmo que ainda não estava livre de sua carga, permanecia sobre o fosso” (KAFKA, 1996, pp.47-48).

Com efeito, se *Na colônia penal* não se prolifera num agenciamento maquínico, porque não pensarmos *As Memórias do cárcere* enquanto romance em que a novela de Franz Kafka consegue ramificar? Não seria as *Memórias do cárcere* a linha de registro de uma máquina em que a narrativa kafkiana vem intensificar seus fluxos, trajetórias e zonas do corpo? Não seria a narrativa de Graciliano Ramos um agenciamento maquínico do texto kafkiano? Nesse aspecto, passemos por uma imagem das *Memórias do cárcere* em que se opera o agenciamento desse “pequenino fascismo tupinambá”¹⁴³

¹⁴¹ O que define uma minoria, antes de tudo, é o que ela, que agito, que revolução, que fratura ela realiza numa língua maior. E não tem nada a ver com quantidade, pois *um* padrão representa uma maioria hegemônica, já que representa o domínio da exploração do capital e sua aliança com o Estado punitivo.

¹⁴² Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Franz Kafka: por uma literatura menor*.

¹⁴³ Ver Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*, p.12.

“com trajetórias semióticas ou máquinas ligadas em todas as direções”¹⁴⁴ *no e com* o corpo.

Entramos enfim, despimo-nos. E em fila, nus, passamos a um pequeno gabinete, segurando pijamas e cuecas. Sentado à uma banca, o moço que dias antes havia feito as nossas fichas iniciou o rápido exame inútil. Apesar da inutilidade, estivéramos duas horas ao sol para exhibir ali a magrém, a sujeira, a palidez. Mais tarde receberíamos alguns frascos de remédio que seriam despejados na areia do alojamento. Não tínhamos confiança na bebida. Que fazíamos então junto à mesa, despídos a expor mazelas? O meu desejo era saber se me achava mal, se poderia resistir ainda a algum tempo ou se me acabaria logo; buscava adivinhar isso observando a cara e os movimentos do rapaz. Esperava também que não deixassem morrer de fome, na repugnância invencível à bóia sórdida exposta sobre as tábuas negras dos cavaletes (RAMOS, 2008, pp.464-465).

O doutor varejou-me a carcaça, deteve-se no pé da barriga, pela segunda vez exprimiu a idéia maluca de operar-me, atendeu à recusa e anotou os meus achaques. Afastei-me, vesti o pijama, estive uma hora a ver a linha avançar lenta para a formalidade burocrática. A psasmaceira me fatigava, queria recolher-me, fechar os ouvidos à tosse contínua, desviar-me das pernas cobertas de algodão negro, purulento. Quando nos retiramos, julguei impossível tornar àquela exibição desagradável (RAMOS, 2008, p.465).

Porque me encontrava ali? Devo ter feito essa pergunta, devo tê-la renovado. Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos. Provavelmente não existia razão: éramos peças do mecanismo social(...) achavam possível despojar-me da indumentária civilizada. Estava certo. Era preciso despir-me em público ou havia lugar reservado para isso? Não havia. Perfeitamente (Ramos, 2008, p.414).

Um agenciamento: “Entramos enfim, despimo-nos. E em fila, nus, passamos a um pequeno gabinete, segurando pijamas e cuecas”. Seria apenas a passagem de um exame rotineiro circunscrito apenas à casa correcional da Ilha Grande. Porém, ela atravessa, é permeável a todas as forças circundantes, a um nó de interações maquínicas, aos investimentos das relações de poder e dominação não somente no corpo físico propriamente dito, mas o coração, o intelecto, à vontade, as disposições. Ora, a medicina nunca parou de dar suporte, a legitimar cientificamente o aparelho de Estado e suas atuações repressivas desde os primórdios da república brasileira com a *craniologia* de Nina Rodrigues, desde a violência aos cortiços e favelas na *Cidade febril* do Rio de Janeiro, desde àqueles que de algum modo ameaçavam o discurso totalitário do Estado Novo¹⁴⁵. Nesse sentido, construir um perfil “ameaçador”; validar um discurso de higienização social passa *na e com* a medicina enquanto política pública - “o doutor varejou-me a carcaça”. Por isso, ao lado de um médico num ambiente correcional existe

¹⁴⁴ Ver Félix Guattari no livro *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*, p.178.

¹⁴⁵ Ver Sidney Chalhoub em *A cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*.

um superior hierárquico, um chefe de estado que circunda toda uma trama dos nossos “corpos nus”. Até porque, estar “sentado à uma banca” para iniciar um “rápido exame” estando “duas horas ao sol para exhibir ali a magrém, a sujeira, a palidez” se faz necessário para existir o discurso que perfilam “populações perigosas”, “feias e sujas”, “propensas à bandidagem” para legitimar a existência da repressão, da *Gestapo* e dos *Pogroms* em favor dos “bons costumes”, da propriedade privada. Pois, a situação *tísica* do corpo no cárcere e além dele também é fabricada ao longo do processo histórico em sua secular concentração de renda e terra, ao processo de escravidão, exploração do trabalho pelas elites oligárquicas e/ou pelo neoliberalismo das multinacionais na “verdadeira dívida externa”¹⁴⁶- “esperava também que não deixassem morrer de fome, na repugnância invencível à bóia sórdida exposta sobre as tábuas negras dos cavaletes” - . Só não podemos esquecer que a medicina e a psiquiatria quando ligados historicamente ao aparelho de Estado monstifica e/ou acalma os inconscientes e toda sua potencial subversão com “alguns frascos de remédio”.

Nesse pensar, certamente que *o insaciável moloch* construído no “pequeno vale, profundo e arenoso, cercado de encostas nuas por todos os lados”¹⁴⁷ descentra-se para tornar-se tijolos, catracas e um *Tanatos* estratificado nas malhas das instituições de confinamento do território brasileiro com sua secular cultura arbitrária, em que, a qualquer segundo qualquer um pode ser seqüestrado de seus direitos e privado de sua liberdade, pode se tornar um *homem infame* - “porque me encontrava ali? devo ter feito essa pergunta, devo tê-la renovado. Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos” - . Um estado de sítio, uma potência fascista sempre por vir, quiçá um *Processo* de projeção ilimitada em que a lei não se explica e parece escapar o entendimento: “provavelmente não existia razão”. Porém, essa lei é sentida no momento em que o corpo é forçado a despir-se em público sem “lugar reservado para isso”, pois, a repressão depende das engrenagens para exercer-se. Precisa das “peças do mecanismo social”. Nesse sentido, por esse agenciamento, por esses saltos inesperados em outros registros, marcando rupturas e ramificando limiares de intensidade, porque não imaginarmos as trilhas de um *Gregor Samsa* nas *Memórias do cárcere*?

¹⁴⁶ Trata-se do texto “*A verdadeira dívida externa*”, do indígena peruano Guaicaipuro Cautémoc.

¹⁴⁷ *Na colônia penal*, p.5.

5. Micropolítica, devir revolucionário e fagulhas no cárcere

A polícia matou um estudante, falou que era bandido, chamou de traficante. A justiça prendeu um pé-rapado, soltou um deputado e absolveu os Pm's de vigário...você que se faz de surdo, não vê que é absurdo?Você que foi preso em flagrante, é tudo flagrante... o medo é um modo fazer censura (Gabriel, o pensador, *Até quando?*)

Se pensamos *Memórias do cárcere* numa descontinuidade sem tradição, marcas de apagamento e reaparições, esquecimento e lembrança, certamente, que parte de uma tatuagem na face do texto, uma tatuagem *infame* do exercício do poder num escritor que tornou-se passagem, válvulas, bicho, coletivo. Tornou-se narrativa imanente para destampar *os sentidos no sentido* de armarmos uma guerrilha a esta infâmia que nos visita. Por isso, foi preciso acontecer um jogo de circunstâncias contra qualquer previsão ou expectativa para incidir no indivíduo “obscuro” em sua vida medíocre de funcionário público alagoano e nos seus desacertos de um cidadão comum o prisma do poder e sua cólera. Um jogo de circunstâncias, quiçá um acaso, em que os “Pogroms” ou a “Gestapo” do Estado novo fossem destinados a cancelar qualquer barulho desordeiro. Tenha prendido este de preferência àquele. Esse velho escandaloso, essa mulher violentada, um monge herege, esse comerciante pervertido e não outros ao lado destes, cuja algazarra não era menor. E, por conseguinte, entre tantos documentos incendiados e guardados nos porões das delegacias e prisões fosse justamente esse e não outro que tenha nos encontrado, que se espalhou em nossas mãos e fosse visitado por nossas vistas, por nossos sentidos.

Nesse aspecto, seguindo essa leitura, essa raridade de homens infames espacejada na malha narrativa das *Memórias do cárcere*, eis que urge um questionamento: Que estética política, que modo de existência podemos pensar com o texto das *Memórias do Cárcere* a partir de um método micropolítico espacejado *Na colônia penal?*

A constituição de estilos de vida ou modos de existência perpassa inicialmente à distinção entre a ética e a moral¹⁴⁸:

A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-se a valores transcendentais(é certo, é errado, é bom, é mau); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. Dizemos isto, fazemos aquilo: que modo de existência isso implica?(DELEUZE, 2008, p.125-126).

Primeiramente, trata-se de dobrar a linha da máquina prisional. Fazer com que ela se curve, se agride, se afete em suas formas de saber e poder exercido. Ser capaz de turvar as agulhas do rastelo e elas perfurem-se nas próprias engrenagens da máquina. Assim, saltar-se-á sobre esta linha do saber-poder é apostar num devir revolucionário e não de um futuro da revolução como resposta política.

Nesse sentido, se a vida do condenado (um ex-soldado) *Na Colônia Penal* só é percebida em contato com o poder - “o explorador parecia ter aceito só por polidez o convite do comandante, que o havia exortado a assistir execução de um soldado por desobediência e insulto ao superior”¹⁴⁹-, então, em sua condição de homem infame dificilmente podemos recuperar seus rastros tais como podiam ser “em estado livre”. Apenas recuperaremos suas aparições e sumiços na espessura narrativa ao que deles foi dito “em língua francesa em detrimento da língua aborígene”¹⁵⁰, todavia, se afirmarmos o choque entre som e sentido desterritorializaremos os dispositivos de enunciação cada vez mais longe. Proliferaremos linhas de fuga, pois, pensaremos não a prolixidade, até porque, do que eles foram ou o que resta muito pouco subsiste, exceto em algumas frases, uma raridade, mas não menos suficiente para agitar uma literatura menor¹⁵¹.

Dobrar a máquina, dobrar o poder, se trata de uma linha de fuga no limite da vida e da morte, até porque, a máquina é fascinante, atinge o interstício do desejo e sua vontade de territorializar o homem pelos seus desígnios: “as engrenagens

¹⁴⁸ Ver Gilles Deleuze no livro *Conversações*.

¹⁴⁹ *Na colônia penal*, p.5.

¹⁵⁰ *Na colônia penal*, p.7.

¹⁵¹ Trata-se da desterritorialização da língua; agenciamento coletivo de enunciação e o imediato político.

literalmente o fascinavam”¹⁵² ou Como diz Löwy¹⁵³, esse *Moloch* “fetiche produzido pelos homens, essa coisa que os sujeita, os domina e os destrói” (LÖWY, 2005, p.90). Assim, ser colonizado pelo poder da máquina na submissão do desejo aos imperativos desse insaciável *Moloch* pode ser pensada no momento em que o oficial *Na colônia penal* atira-se para ter seu corpo escarificado pelo desenhador:

Tinha apenas aproximado a mão do rastelo e este subiu e baixou várias vezes até alcançar a posição certa para o receber, bastou ele tocar a borda da cama para ela imediatamente começar a vibrar; o feltro veio ao encontro de sua boca, via-se que o oficial na verdade não queria aceitá-lo, mas a hesitação só durou um instante, ele se submeteu e o acolheu logo na boca (KAFKA, 1996, p.27).

Ao passo que podemos ter uma linha de fuga, uma zona de desterritorialização na máquina por parte do condenado Kafkiano, já que, consegue escapar das engrenagens - que tem por finalidade levar a morte - após um vômito contínuo, um grunhido que faz treliçar parafusos e catracas:

Nesse momento o explorador ouviu um grito de raiva do oficial. Ele tinha acabado de enfiar, não sem esforço, o tampão de feltro na boca do condenado, quando este, num acesso irresistível de náusea, fechou os olhos e vomitou. Para afastá-lo do tampão, o oficial o ergueu rapidamente, enquanto tentava virar sua cabeça para o fosso; mas era tarde demais, a sujeira já escorria pelo aparelho. (KAFKA, 1996, p.24)

Enfim, trata-se do choque entre o som e o sentido ou como diria Deleuze e Guattari¹⁵⁴: “O que interessa a Kafka é uma pura matéria intensa, sempre em relação com sua própria abolição, som musical desterritorializado, grito que escapa à significação, à composição, ao canto, à fala, sonoridade em ruptura para desprender-se de uma cadeia muito significativa” (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p.11).

Não seria o grunhido do vômito uma linguagem que escapa à significação do saber-poder da máquina¹⁵⁵? Não seria no vômito do condenado - “nenhum som discrepante perturbava o trabalho da máquina”¹⁵⁶ - o índice de uma linguagem que se rearranja num acontecimento-apesar da tortura- para compor um ato intempestivo? Será

¹⁵² *Na Colônia Penal*. p.46-47.

¹⁵³ Ver Michael Löwy no texto *Franz Kafka: Um sonhador insubmisso*.

¹⁵⁴ Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Kafka: Por uma literatura menor*.

¹⁵⁵ Ver Durval Muniz de Albuquerque no texto: *No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final*.

¹⁵⁶ Ver Franz Kafka, *Na Colônia Penal*. p.28.

que na passagem - “ele tinha acabado de enfiar, *não sem esforço*, o tampão de feltro na boca do condenado, quando este, num acesso irresistível de náusea, fechou os olhos e vomitou” - não se realiza um devir revolucionário? Não poderia ser neste ato do vômito um combate molecular com o *Moloch*?

Creio que sim, até porque, se o condenado não realiza-se o vômito que passou a escorrer pelo aparelho, possivelmente a normalidade continuaria seu trajeto *Na colônia penal*. Nesse aspecto, na literatura kafkiana “tudo é político” ou em vias de se fazer política, de fazer o público colonizar o privado e vice-versa, em vez de um caso de uma prisão em “si”, pois, não à toa o texto de Kafka não se escreve no alemão *gefangene/Kriegsgefangene* nem na tradução a palavra *prisioneiro*, o que poderia levar a uma semântica de indivíduo recluso em grades: “uma prisão em si”, mas têm-se a palavra *strafe/condenado*¹⁵⁷ com vistas, certamente para ativar um significado mais maquínico, que se distribui pelo social, por isso, Walter Benjamin¹⁵⁸ a respeito da criação literária do autor tcheco pontua que: “Kafka é sempre assim; ele priva os gestos humanos dos seus esteios tradicionais e os transforma em temas de reflexões intermináveis” (BENJAMIN, 1996, p.147). Nesse modo, penso a ficção kafkiana enquanto manifestação política imediata molecularizada nas teias do Estado e seus microfascismos espalhados no espaço e no tempo.

Nessa linha de pensamento, pensemos o seguinte trecho:

O soldado e o condenado pareciam ter feito amizade um com o outro; por mais difícil que isso fosse, em virtude das fortes cadeias, o condenado fazia sinais ao soldado; o soldado se inclinava para ele; o condenado sussurrava-lhe alguma coisa e o soldado concordava com a cabeça.¹⁵⁹

Será que esses “sussurros” não apontam uma tomada revolucionária na língua? Certamente, pois, mesmo com a estratificação da máquina, seu exercício de hegemonia da língua que encerra uma multiplicidade política, há um rebento, uma agitação dentro de uma língua burocrática da máquina que lhe confina e adoece. Uma língua que se agita no seio da língua maior da máquina. Uma comunicação que se realiza por um povo que falta - “O soldado e o condenado pareciam ter feito amizade um com o

¹⁵⁷ Ver o prefácio de Modesto Carone no livro, *Franz Kafka: Um espólio de alto valor*

¹⁵⁸ Ver Walter Benjamin no livro *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*.

¹⁵⁹ Ver Franz Kafka, *Na Colônia Penal*, p.38.

outro”¹⁶⁰- re-inventando-se pela emergência do múltiplo, no choque entre o som e o sentido do “sussurro”, “por mais difícil que isso fosse, em virtude das fortes cadeias”¹⁶¹. Assim, no “grunhido” do vômito e o “sussurro” além de uma possível dobragem do saber-poder do *Moloch*, podemos pensar uma decomposição da linguagem e a invenção *para* um povo que falta, e este *para* não é no lugar de, mas na intenção de.

Nesse aspecto, esta *intenção de*, trata-se, segundo Deleuze¹⁶², de uma língua estrangeira que não são fantasmas para Kafka, mas verdadeiras paragens que o escritor vê e escuta nos interstícios da linguagem, nos hiatos da linguagem, na vida revelada em seu devir, uma paisagem que não aparece a não ser em seu movimento (DELEUZE, 1997, p.17).

Pensando com Kafka, trata-se de intensificar a est-ética política do “condenado” *Na Colônia Penal* em seu devir revolucionário com as *Memórias do cárcere*. Nesse aspecto, o devir revolucionário a que se propõe a pensar nas *Memórias do cárcere* será ativado a partir de três conceitos mobilizadores: 1) O conceito de *Grupelhos* do filósofo Félix Guattari¹⁶³; 2) *Micropolítica e Segmentaridade* dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari¹⁶⁴; 3) *O entre - lugar* do político a partir de uma leitura de Silviano Santiago¹⁶⁵. Assim, estes três tópicos conceituais nos servirão como problematizadores da “idéia” de prisioneiro político em detrimento do prisioneiro comum, bem como, pensar a prisão como um possível lugar da revolução.

Vejamos uma cena nas MC:

Com certeza não procediam assim por economia: a supressão por economia: a supressão visava a um fim, aliviava-se às esteiras, ao ajuntamento em local exíguo, aos lençóis curtos e finos em tempo frio, a indicar-nos uma degradação. Iam impor-nos outras mudanças, apagar de chofre os restos de conforto ainda conservados na véspera e forçar-nos a contrair novos hábitos. Esses choques nos perturbam em demasia, e o pior é não sabermos até onde nos levarão: a instabilidade nos impede entrever qualquer limite. (RAMOS, 2008, p.376-377).

¹⁶⁰ Idem,p.38

¹⁶¹ Idem,p.38.

¹⁶² Ver Gilles Deleuze em *Crítica e Clínica*.

¹⁶³ GUATTARI, Félix. *Somos todos grupelhos*.__in: *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹⁶⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Micropolítica e Segmentaridade*. In__*Mil platôs*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

¹⁶⁵ SANTIAGO, Silviano. *O entre- lugar do discurso latino americano*__in: *Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre dependência cultural*. 2º Ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000. Trata-se de uma leitura “agressiva” da combinação com o *Entre-lugar do discurso latino americano* com micropolítica e grupelhos no texto de Graciliano Ramos.

Trata-se de uma “supressão”, em “local exíguo”; em “lençóis curtos e finos em tempo frio” em que o real e o imaginário se intensificam de tal modo que já não mais é possível para o observatório do leitor distinguir rosto e retrato, real e o abstrato, pois, há sempre uma nudez das “agulhas da máquina penal” que fugará de “chofre” o leitor que não mais escapará ileso. Porém, uma intensidade que faz no terreno da “supressão” um combate; o exíguo esticar-se e “ser” fissurado; “a indicar-nos uma degradação” como camada de linguagem talhada pela literatura menor kafkiana nas *Memórias do cárcere* em que as passagens soem “como sentença de vida ou morte” e não como uma corriqueira passagem no tecido narrativo.

A “instabilidade nos impede entrever qualquer limite” afirma um signo flutuante, universal (*sempre é um rumo à, nunca é um aqui*) atingindo um nó de interações maquínicas que transcende “o cárcere em si” e nos proporcionam pensar aos aparelhos de Estado incrustados nos discursos da disciplina e da normatividade social semeados na cultura pelo viés prisional. Nesse aspecto, essa “instabilidade sem limites” também permite pensar na impossibilidade de uma ficção pessoal, mas soprarmos a palavra a “interiores” inauditos, a arranjos coletivos, na primeira do plural: “indicar-nos; impor-nos; forçar-nos; nos perturbam”.

Pensaremos uma relação das *Memórias do Cárcere* a partir do conceito de Grupelhos do filósofo Félix Guattari. Trata-se, não de uma política conjugada a um partido, um intelectual ou uma classe pensante. Mas, pensar os indivíduos numa perspectiva política em que

a subjetividade é sempre de grupo; é sempre uma multiplicidade singular que fala e age, mesmo que seja uma pessoa só. O que define um grupelho não é ser pequeno ou uma parte, mas sim ser uma dimensão de toda experimentação social, sua singularidade, seu devir. É neste devir que a luta se generaliza. ‘Saúde infantil’ do político, que se contrapõe à tendência a generalizar a luta em torno de uma representação totalizadora, sua ‘doença senil’. Neste pensamento, vale lembrar, que tamanho não é documento, e um pequeno grupo também pode ser acometido de ‘doença senil’ ”(GUATTARI, 1981, p.18).

Por isso, eis uma passagem das *Memórias do Cárcere* na *Colônia Correcional* em que seja mais produtivo pensar a política com a noção de grupelhos:

- Vamos supor que a agente amanhã tenha uma pretensão qualquer num ministério. Nós não sabemos tratar com ministros. -Você pode servir de intermediário- (...) - Meu amigo, você está equivocado. Eu não sou burguês, não exploro ninguém. Se fosse burguês, não estaria aqui. Não pertenço a nenhuma classe, vivo numa camada vacilante, sem caráter. E nunca me entendi com ministros, ando muito longe de ministros. (RAMOS, 2008,p.458-459)

Aleixo também me aparecia. Com certeza vinha sondar-me, agente da máquina secreta que funcionava na prisão. Misturava à linguagem dos manifestos e dos comícios expressões ambíguas, tão difíceis como a gíria de gaúcho. As alterações de forma e sentido chocavam-me; convencia-me lento de que *proleta era uma redução de proletário*. Defesa de criaturas perseguidas; juntavam-se naquele meio vocabulário dos malandros e o dos militantes de organismos políticos ilegais; pouco a pouco esse aglomerado caótico invadia a língua comum. Aleixo referia-me greves, peleja nos sindicatos, rebeldia estiva; narrava essa matéria violenta com doçura, baixinho, completa mansidão nos bugalhos cor de leite; parecia-me compor madrigais à revolução, enternecia-se por ela. (RAMOS, 2008, p.459)

Quando me viesse calma, aventurar-me-ia a fazer um livro, lentamente, livre das aporrinhações normais. Viria a calma? E quantos dias ou meses me deixariam naquela situação? Era disparate desejar permanecer nela, mas assaltava-me uma grande covardia, o receio de voltar a assumir responsabilidades, a certeza de que meu trabalho de indivíduo solitário, na ditadura mal disfarçada por um congresso de sabujos, seria pouco ou mais ou menos inútil. Preferível o cativo manifesto ao outro, simulado, que nos ofereciam lá fora (...). As vaidadezinhas malucas de pequeno-burguês sumiam-se. Decerto me guardariam, possivelmente me poriam em contato com alguns criminosos, pessoas que, interessando-me demais, até então me haviam aparecido em tratados ou de longe (...) até certo ponto podia considerar-me uma espécie de revolucionário, teórico e chinfrim. Sorria-me a perspectiva de olhar de perto revolucionários de verdade, que ultimamente eram presos em magotes. (RAMOS, 2008, p.51).

Não seria “que a gente amanhã tenha uma pretensão qualquer num ministério” um posicionamento político de *grupelho*? E no trecho- “era disparate desejar permanecer nela, mas assaltava-me uma grande covardia, o receio de voltar a assumir responsabilidades, a certeza de que meu trabalho de indivíduo solitário na ditadura mal disfarçada por um congresso de sabujos, seria pouco ou mais ou menos inútil”- não seria uma experiência que antecipa, coexiste com as histórias revolucionárias embalsamadas pela burocracia? Ora, “a luta de classes na Rússia, na China, etc. mostrou-nos que, mesmo depois da derrubada da burguesia, a forma deste poder podia se reproduzir no Estado, na família e até nas fileiras da revolução” (GUATTARI, 1981,

p.13). Nesse aspecto, “nós (o pronome coletivo é uma potência dos grupelhos, mesmo que seja na primeira pessoa) não sabemos tratar com ministros” pode até apontar o desconhecimento de uma gramática palaciana, mas não se trata disso, antes, trata-se de uma análise micropolítica do desejo numa da dimensão sócio-histórica, pois, “servir de intermediário” e retrucar –“ meu amigo, você está equivocado. Eu não sou burguês, não exploro ninguém” significa não mimetizar a exploração ou derrapar no signo burocrático característicos do pensamento burguês e sua sintaxe cotidiana, antes um empenho micropolítico de crítica ao capitalismo¹⁶⁶.

Nesse pensar, “não pertencço a nenhuma classe, vivo numa cama vacilante, sem caráter” aprofunda a discussão micropolítica ao capitalismo. Este, não só submete a classe operária e sua força de trabalho como também mimetiza em seu favor a produção econômica no horizonte dos desejos dos explorados (no horizonte do casal, da escola, do indivíduo, do coletivo militante). Enfim, se numa mesma passagem das *Memórias do Cárcere* condensa “ministros”, “burguês”, e por fim, a afirmativa tácita “classe nenhuma”, pode significar os grupelhos de prisioneiros (ou para ser mais Kafka, grupelhos de condenados) afirmando que o “fundamento do centralismo, portanto, não é econômico, mas político, pois, é preciso admitir que as lutas mais eficazes e mais amplas poderiam ser coordenadas fora dos estados- maiores burocráticos. Principalmente, se o desejo for libera “de sua contaminação pela subjetividade burguesa que faz dela cúmplices inconscientes da tecnocracia capitalista e da burocracia do movimento operário” (GUATTARI, 1981, p.21). Nesse intento, um grupelho a não ser acometido pela “doença senil”, pelas “a vaidadezinhas malucas de pequeno-burguês” pode significar estarmos à “espreita” com reterritorializações e manias de hegemonia com seu “congresso de sabujos”, que repetidamente precipitam-se no estalinismo, no gaullismo, no getulismo ou algum desses rostos que parece ter uma existência prolongada e nunca acabam de falecer.

E se a Revolução vier da Prisão? Seria imprudente afirmar que só viria dela, todavia, considerando afirmativamente que é “preferível o cativo manifesto ao outro, simulado, que nos ofereciam lá fora”, pode apontar a no mínimo pensar este espaço

¹⁶⁶ Por exemplo: a propriedade privada na está somente na terra e na fábrica, mas embutida na linguagem quando diz: “isso é meu, o conhecimento é meu, eu sou quem ordeno, me obedeça”, enfim, nas manias de hegemonia ou quando um povo se quer dominante dentro de uma multiplicidade política.

“marginal” e “enfeudado nas sombras” como lugar privilegiado dos conflitos sociais, por vezes, proporcionando à linha (micro) política, um agenciamento coletivo de enunciação e uma perspectiva revolucionária que atravessa a idéia de *prisioneiro político* e *prisioneiro comum*. Desse modo, uma apropriação do prisioneiro político por uma territorialidade estritamente institucional dos sindicatos, partidos e parlamentos após a revolução soviética de 17 em detrimento do preso comum parte de dois falsos problemas: o primeiro perpassa ao burocrativismo da luta, ao aparelhamento partidário ser “o porta voz” das legítimas condições de luta: “é prioridade realizar a revolução proletária, realizar o Estado proletário para depois pensar nas prisões”; o segundo é o discurso burguês que impinge esta noção, já que, historicamente se repete as práticas institucionais do aparelho burguês(separação entre vida pública e privada)constituindo uma esclerose do movimento revolucionário¹⁶⁷.

Por isso, que “não pertencem a nenhuma classe” e ao mesmo tempo “misturava à linguagem dos manifestos e dos comícios expressões ambíguas, tão difíceis como as gírias de gaúcho” ligam-se diretamente à tomada política da língua que encontra o prisioneiro-condenado-político que falta agitando-se não só na prisão, mas no cárcere do discurso. Assim, essas “alterações de forma”, “esse aglomerado caótico invadia a língua comum”, trata-se não de uma dialética (síntese) ou de uma gramática ressentida com a linguagem menor carcerária, mas que *politizar o cotidiano* e *cotidianizar a política* requer relações de força no entre - lugar do discurso. Em outras palavras, trata-se de re-escrever, agredir as formas hegemônicas da língua, surpreender lacunas e impasses dos discursos da luta política e suas representações balizadas na gramática penal e do burocrativismo proletário.

Nessa perspectiva, este entre - lugar do discurso urge enquanto jogo estratégia e tática política no cotidiano prisional. Nesse aspecto, penso aqui que deixar de ser “uma espécie de revolucionário, teórico e chinfrim” e “*proleta era uma redução de proletário*” são as expressões que materializam o trabalho micro-político revolucionário no cárcere, quiçá, uma tradução da “defesa de criaturas perseguidas” que “juntavam-se

¹⁶⁷ “Neste sentido, é preciso antes mais nada acabar com o respeito pela vida privada: é o começo e o fim da alienação social. Um grupelho de subversão desejante não tem mais vida privada” (GUATTARI, 1981, p.17). Ou como ressoa na narrativa das *Memórias do cárcere*: “estamos lascados por todos os lados neste porão e nesta piolheira social”.

naquele meio vocabulário dos malandros e o dos militantes de organismos políticos ilegais” antecipando e/ou atualizando as práticas de autonomia e autogestão do *anarquismo* como contrapontos ao centralismo burocrático stalinista e suas amarrações perversas com o aparelho de Estado. Desse modo, o “aglomerado caótico invadia a língua comum” e este entre - lugar da política de “grupelhos do cárcere” não seria um questionamento radical às demarcações estanques de prisioneiro político na perspectiva gramsciana (intelectual orgânico, oriundo de partido, sindicato, mestre)¹⁶⁸ em detrimento do preso comum (delinqüente)? Não seria estar conciliado com o pensamento de Piort Kropotkin - “todo prisioneiro é um prisioneiro político” - na medida em que se reúnem, elaboram estratégias de sobrevivência, associações e criações de linhas de fuga no espaço prisional e preenche o vocabulário com outra sonoridade, minorando o *proletário* para *proleta*?

Retomando o momento em que Aleixo referia-se a “greves, peleja nos sindicatos, rebeldia estiva” narrando a “matéria violenta com doçura, baixinho, parecendo “compor madrigais à revolução” e enternecendo-se “por ela”, podemos reacender as trilhas de Silviano Santiago com Karl Marx¹⁶⁹ na medida em que mobilize uma re-inscrição do cárcere com micropolítica. Ou seja, entre a linguagem política da “rebeldia estiva e da peleja dos sindicatos” com a ramificação que esta relação enseja, podemos pensar “um texto que se organiza a partir de uma meditação traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções” (SANTIAGO, 2000, p.20) ativando uma política revolucionária da re-inscrição do cárcere pelos prisioneiros.

Reescrevê-los enquanto operários e trabalhadores que não somente estão na linha produtiva das fábricas, fabricando o cotidiano, mas conseguem fazer da prisão um lugar de afeto e atividade revolucionária, apesar do ceticismo de uma dúzia de *soviets* com sua moral estalinista. Por isso, alegrar-se com “a perspectiva de olhar de perto

¹⁶⁸ Ver Antonio Gramsci em *Cartas do Cárcere*.

¹⁶⁹ Cf. Karl Marx. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

revolucionários de verdade, que ultimamente eram presos em magotes” aproximam-se de um pensamento - e não uma palavra de ordem - de Marx, em que¹⁷⁰

não se trata de incendiar as instituições, mas de “assumir o parlamento burguês” onde quer que se situem os seus tentáculos, e imprimir uma outra função a essas instituições a bem de uma distribuição equitativa das riquezas, para aqueles que realmente a produzem: os trabalhadores (MOREIRA,2008,p.4).

Com efeito, só não podemos esquecer que entre Silviano e Marx está em jogo com as *Memórias do cárcere* uma re-inscrição da *práxis* revolucionária, em que é preciso estar “à espreita” com os resvalos de um *Eros* burocrático, com a contaminação da subjetividade burguesa na economia desejante, com o desejo de ser escarificado pela máquina ou uma internalização da repressão. Enfim, uma est-ética política nas *Memórias do Cárcere* enviesa-se, aqui, a uma micropolítica, para um “não exploro ninguém” e, ao mesmo tempo, não deixar de “compor madrigais à revolução”.

Situemos uma passagem do *Pavilhão dos Primários* nas *Memórias do cárcere*:

Os percevejos da Detenção eram na verdade uma praga, e em vão tentávamos saber onde se escondiam. No prédio novo, de muros lisos, chão encerado, parecia não haver ambiente para a medonha proliferação. Deviam alojar-se nos ferros das grades, nas juntas das camas, nas gretas dos guarda-ventos. Examinávamos pacientemente os lugares suspeitos, esmiuçávamos a roupa, as cobertas, os colchões, os travesseiros. Nenhum sinal dos miseráveis; durante o dia era possível esquecê-los, jogar xadrez, ler, escrever, ouvir discursos, lições, hinos, sambas. À noite deixavam-nos repousar alguns minutos: era como se calculassem o tempo, soubessem a hora de atormentar-nos. Quando íamos adormecendo, uma ferroada nos despertava, sentíamos carreirinhas na pele, cócegas, comichões. A trave de ferro já não me incomodava: habituara-me depressa a arrumar os ossos no colchão. Agora o tormento era aquele, picadas, o teimoso fervilhar. Virava-me, coçava-me, erguia-me afinal desesperado, sacudia os panos, em busca de terríveis inimigos. Invisíveis, pertenciam com certeza ao organismo policial, realizavam fiéis a tarefa de importunar-nos da melhor maneira. (RAMOS,2008,p.227.)

O que essa passagem nos sugere? Não teríamos nos personagens dos “percevejos” após o efeito literário em conferir-lhes um sentido de substantivo e agente da ação na narrativa uma análise molecular do fascismo? Se pensarmos com Kafka, ele sugere que os cômodos entre repartições deixam de serem fronteiras enrijecidas para disseminarem

¹⁷⁰ Ver Osmar Moreira no ensaio *Subalternos agrestes e seus cordéis encantados*.IN___XI Congresso Internacional da ABRALIC: *tessitura, interações, convergências*. USP,São Paulo, Brasil.13 a 17 de Julho de 2008.

num seio molecular que as dissolve, ou seja, entre os “percevejos da detenção” e o “organismo policial” não há uma nítida diferença,¹⁷¹ existindo, ao mesmo tempo, uma proliferação de chefe em micro- rostos impossíveis de demarcar ou centralizá-los, muito menos serem discerníveis, pois, “os percevejos da detenção eram na verdade uma praga, e em vão tentávamos saber onde se escondiam. No prédio novo, de muros lisos, chão encerado, parecia não haver ambiente para a medonha proliferação.”

Na linha de pensamento desses “percevejos” diremos que

O fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem e de ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição (...) se define por um microburaco, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. Há fascismo quando uma *máquina de guerra* encontra-se instalada em cada buraco, em cada nicho. Mesmo quando, o Estado nacional-socialista se instala, ele tem a necessidade da persistência desses microfascismos, que lhe dão um meio de ação incomparável sobre ‘as massas’ (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p.92).

Assim, afirmamos que o fascismo é imanente a zonas moleculares, um devir-imperceptível escondendo-se e não deixando de provocar “cócegas e comichões”. Não param de infiltrar-se nos “ossos do colchão”, na “roupa, as cobertas, os colchões, os travesseiros”, pois, mesmo se aparentemente não se tenha “nenhum sinal dos miseráveis”, “os comichões” saltam de um ponto a outro, agem em relação, antes de ressoarem ou territorializarem em alguma sarna e edificar um estado nacional-socialista. Por isso,

Daniel Guérin tem razão em dizer em dizer que se Hitler conquistou o poder mais que o Estado maior Alemão, foi porque dispunha em primeiro lugar de microorganizações que lhe davam um meio incomparável, insubstituível, de penetrar em todas as células da sociedade, segmentaridade maleável e molecular, fluxos capazes de banhar cada gênero de células (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p.92).

Nesse aspecto, penso que o nome próprio dos “organismos policiais” não perde seu poder, mas encontra nos “percevejos da detenção” um novo poder quando entra nas “juntas das camas, nas gretas dos guarda-ventos” nas zonas de indiscernibilidade das “agulhas do rastelo”, ou então, “o tormento era aquele, picadas, o teimoso fervilhar.

¹⁷¹ The Trial(O processo) de Orson Wells consegue dramatizar e tensionar de forma primorosa esta “dissolução das fronteiras” entre os cômodos da burocracia.

Virava-me, coçava-me, erguia-me afinal desesperado, sacudia os panos, em busca de terríveis inimigos. Invisíveis, pertenciam com certeza ao organismo policial, realizavam fiéis a tarefa de importunar-nos da melhor maneira”.

Penso que é um equívoco afirmar que uma sociedade é definida por suas contradições (principalmente num marxismo estreito), aliás, isto só poderia ser razoável do ponto de vista de uma escala macropolítica, mas pelo crivo micropolítico, o que vai definir uma sociedade são as molecularidades de suas linhas de fuga. Sempre alguma trilha fica aberta no formigueiro, alguma coisa sempre foge, escapa às determinações binárias; ao aparelho de ressonância (causa e efeito); à máquina de sobrecodificação (mimetismo dos signos); a uma “evolução dos costumes”. Nesse sentido, os rebentos das *Memórias do Cárcere* estão menos ligados a essas análises macropolíticas, antes, permeada pelo *espírito de Maio de 68* ou com a *Primavera de Praga* de Kafka, pois, se perfilam em acontecimentos moleculares, em subjetividades de grupelhos num empenho micropolítico, num devir revolucionário. Com isso, quaisquer leituras realizadas em termos de macropolítica nas *Memórias do Cárcere* nada vão compreenderem do imediato político e sua aura intempestiva, muito menos dos acontecimentos, porque algo *inassinalável* foge. Todavia, é importante lembrar, que “as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem os segmentos” (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p.95).

6. Considerações finais

Considerar a palavra poética como agenciamento da *dobra*¹⁷² ativa uma percepção que o pensamento contemporâneo e a arte ficcional não traduzem um retorno à essência, mas mobiliza uma poética do labirinto, uma dinâmica intertextual. Desse modo, *Kafka* ajuda-nos a pensar as *Memórias do cárcere* na condição do descentramento caracterizador de uma diferença. Pois, não existe texto em si mesmo, mas entrecruzamentos de fios que se ramificam em outros chegando a intensificar os sentidos e o tempo de tal modo que ele se contorce e espalha-se deixando vozes, risos e construindo leitores que se embarçam nestes fios. Por isso, a intensificação da ficção *kafkiana* nas *Memórias do Cárcere* passa por um *Coup de Dés* de Mallarmé¹⁷³ - “posso andar da direita e para a esquerda como um vagabundo”¹⁷⁴ - passa por uma *Alice no País dos espelhos* de Lewis Carrol¹⁷⁵ - “como se enxergasse pelos vidros de um pequeno binóculo, ampliarei insignificâncias”¹⁷⁶ - percorre *corredores e galerias* de Franz Kafka¹⁷⁷ - “saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos”¹⁷⁸ - enfim, o acesso do (devir) *poeta* na malha narrativa intensifica o real, saqueia e conjura os arquivos, re-vifica a memória transformando-a em poema, ilumina trilhas nunca percorridas pelos “panoramas” e “dimensões regulares”. Torce o tempo de tal modo, que sua linha reta passa a ser fraturada pela *diferença*. Cria-se um mapa *Kafkiano* nas *Memórias do cárcere*:

Eu ainda uso os desenhos do antigo comandante. Aqui estão eles - puxou algumas folhas da carteira de couro-, mas infelizmente não posso os pôr na sua mão, é a coisa mais preciosa que eu tenho. Sente-se, eu os mostro ao senhor desta distância, assim poderá ver tudo bem. Mostrou a primeira folha. O explorador gostaria de dizer algo aprovador, mas enxergava apenas linhas labirínticas, que se cruzavam umas com as outras de múltiplas maneiras e cobriam o papel tão densamente que só com esforço se distinguiam os espaços em branco entre elas. – Leia-disse o oficial. -Não consigo-disse o explorador. - Mas está nítido - disse o oficial. - Muito engenhoso- disse

¹⁷² Ver Gilles Deleuze no livro, *A dobra: Leibniz e o barroco*.

¹⁷³ MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Organização tradução e notas de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Décio e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

¹⁷⁴ *Memórias do cárcere*, p.140

¹⁷⁵ Ver Lewis Carrol, *Alice no país dos espelhos*.

¹⁷⁶ *Memórias do cárcere*, p.140.

¹⁷⁷ Ler *O processo* de Franz Kafka.

¹⁷⁸ *Memórias do cárcere*, p.140.

evasivamente o explorador. – Mas não consigo decifrar nada. – Sim - disse o oficial rindo e guardando a carteira. -Não é caligrafia para escolares. (Kafka, 1996, p.19-20)

Um mapa em Kafka é como uma esponja. Possui múltiplas fissuras, entradas e saídas que descentra uma a outra, ao contrário do decalque, que realiza o eterno retorno do mesmo. “Um mapa é uma questão de ‘linhas labirínticas’ que inverte a cena comum, enquanto que o *decalque* remete sempre a uma presumida ‘competência’”(DELEUZE e GUATTARI, 2004, p.22)¹⁷⁹. Por isso, o que Kafka realiza nas *Memórias do cárcere* é instaurar uma máquina literária que a qualquer momento pode se desmanchar, porém, é uma máquina literária cartográfica das multiplicidades sem entrada privilegiada, numa agilidade impressionante. Combinando, parando, correndo. Por isso, que estas linhas do mapa se cruzam “umas com as outras de múltiplas maneiras e cobriam o papel tão densamente que só com esforço se distinguiam os espaços em branco entre elas”¹⁸⁰. Assim, esse mapa *Na colônia penal* possibilita pensar quaisquer *linhas tortas* nas *Memórias do cárcere* numa linha de fuga molecular da palavra, que encontra e agita os centros de poder espalhados nos fatores sociais, desmontando o mito informativo para problematizar os imperativos da linguagem, o exercício do poder e suas correias de ordenação que podem ser literários ou jurídicos. Nesse sentido, trata-se de percorrer as *Memórias do cárcere* enquanto labirinto “muito engenhoso”¹⁸¹ de intensidades, enquanto

traço intensivo, uma percepção alucinatória, uma sinestesia, uma mutação perversa, um jogo de imagens se destaca e a hegemonia do significante é recolocada em questão. Semióticas gestuais, mímicas, lúdicas, retomam sua liberdade e se liberam do ‘decalque’, quer dizer, da competência dominante da língua do mestre - um acontecimento microscópico estremece o equilíbrio do poder local (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p.24-25).

Multiplicar os gestos, os rostos, descentrar os homens, desterritorializar sons mesmo sob o risco e a força da reterritorialização dos órgãos de linguagem carcerários ou dos guardas que treliçam seus cassetetes entre os ferros da grade. Assim, não

¹⁷⁹ Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari no texto *Rizoma*.

¹⁸⁰ *Na colônia penal*, p.20.

¹⁸¹ Idem, p.20

fazemos do pensamento literário uma potencia dos verbos *revelar* ou *descobrir* nesse deslizamento entre Kafka e *as Memórias do cárcere*, pois, estes verbos não se adéquam a uma máquina *Kafkiana* de proliferação de sentidos. Até porque, não há nada *revelar* ou *profundidade* a ser alcançada - *Platão não entra nesse jogo*- mas, uma relação entre superfície e profundidade ao nível que Nietzsche pensa com *Zaratustra*¹⁸²: não se idealiza a profundidade, até porque, esta é apenas um embotamento da linguagem. Uma ruga de superfície, um ir e vir de palavras que podem dobrar-se.

Nessa linha de pensamento, a ficção kafkiana possibilita dobrar ainda mais a gramática das *Memórias do cárcere*. Proliferam os sentidos da palavra espalhando fulgurações que libertem o desejo de afirmação da vida que ainda estão travados pelos discursos de aprisionamento do poder. Assim, pensemos: A travessia do *navio Manaus* à Ilha Grande parece dizer algo mais especial que um simples balançar nas marés, a *valise* parece dizer mais que um recipiente para armazenar indumentárias, a *rebelião dos pratos* parece dizer mais as discussões burocráticas dos parlamentos ou da política paternalista do Estado Novo e sua tagarelice: não seria o caso de se pensar num outro sentido nas *Memórias do cárcere*? As *Memórias do cárcere* como metáfora que reencene o transversal: território apagado e enfastiado de signos despóticos que por um milagre do desejo ou por uma ação intempestiva se deixa re-escrever? Um dissenso que circula pelas cidades carcerárias subjetivas possíveis? Não seria o caso de refazer nossos manuais de história tão mal contados quem sem se dar conta reproduz o aparelho de estado?

Essas interrogações em *Memórias do cárcere* podem ser lidas como um ponto de uma estrutura geográfica ou uma singularidade que encontra uma vizinhança deslocando-se e mudando de conjunto. Então, não só encontramos alguma coisa de *O Processo*, *Na Colônia Penal*, *A metamorfose* nas *Memórias do cárcere*, como encontramos alguma coisa das *Memórias do cárcere* nestes contos e romances de Kafka. Uma relação de vizinhança, desfiladeiros, nós, pontos de condensação, ebulição. Por isso, que as *Memórias do cárcere*, *Na Colônia Penal* e *O processo* possibilitam dizer algo com a Colônia Penal da Guiana Francesa de *Papillon*¹⁸³; com As

¹⁸² Cf. Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

¹⁸³ Ver Henri Charrière no livro: *Papillon: O homem que fugiu do inferno*.

recordações das casas dos mortos de Dostoiévski¹⁸⁴; a detenção de *Cleveland* para os anarquistas¹⁸⁵; alguma coisa com *O estrangeiro* de Albert Camus¹⁸⁶; com as salas de tortura do Estado Novo e da ditadura militar¹⁸⁷; com a base de Guantánamo¹⁸⁸; Eldorado dos Carajás¹⁸⁹; Candelária¹⁹⁰. Lugares em que se produz alguma coisa que mobiliza o homem em direção a si mesmo e, ao mesmo tempo ao outro, ao estrangeiro e as malhas de um espaço proliferado por arbitrariedades.

Walter Benjamin¹⁹¹ opera um questionamento pertinente para a relação entre literatura e *práxis* revolucionária. A crítica materialista procedia com um romance, com um poema indagando como ela se vinculava às relações sociais de produção da época. A isso, o filósofo alemão acreditava que este questionamento terminava por girar entre a obra ser reacionária ou revolucionária. Por isso, ao contrário dessa pergunta, Benjamin prefere perguntar como o poema, romance situa-se *dentro* dessa produção? Assim, primeiramente, este questionamento de Benjamin coloca em relação formas de conteúdo e formas de expressão. Portanto, não se trata de uma relação estrutural de conteúdo e expressão ou da forma que *casula* o conteúdo. Antes, o *dentro* é como uma máquina de expressão - como penso Kafka numa máquina irrefreável de sentidos com o vômito do condenado *Na colônia penal* e o ciciar de *Gregor Samsa* em *A metamorfose* - capaz de embaralhar as formas, desestabilizar as formas de conteúdo e liberá-los para que possam confundir-se com as expressões em uma intensa matéria.

Em outro aspecto, este *dentro* de Walter Benjamin ao mesmo tempo que casa-se com a *máquina de expressão* de Kafka, fala de uma economia desejante que brota na ramificação *Na colônia penal* nas *Memórias do cárcere*- e vice versa-. Nesse modo,

¹⁸⁴ Ver o livro, *Recordações das casas dos mortos*.

¹⁸⁵ Trata-se do *Estado de sítio* implantado por Artur Bernardes em 1924, em que deportou imigrantes e operários anarco-comunistas para a Colônia penal da Cleveland localizada no Estado do Pará. Centenas morreram por epidemias e trabalhos forçados.

¹⁸⁶ Ver Albert Camus em *O estrangeiro*.

¹⁸⁷ É inumerável os relatos que nos chegam após à abertura política em 89, com efeito, a literatura ao lado do cinema constituem-se em locais privilegiados(que nos desestrutura quando mais aceitamos a rotina) para estas tensões e atrocidades realizadas nestes porões da história brasileira.

¹⁸⁸ VELOSO, Caetano. *Base de Guantánamo*. __in: *Zü e Zie*. Rio de Janeiro, Universal, 2009.

¹⁸⁹ A impunidade depois de 14 anos (1996-2010) ainda persiste com os policiais e os mandantes do massacre de Carajás.

¹⁹⁰ Em 23 de julho de 1993, aconteceu no centro carioca a execução de sete crianças moradoras de rua.

¹⁹¹ Cf. Walter Benjamin. *O autor como produtor*. In __ *Magia e técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

penso que é uma armadilha realizar uma leitura de crivo ideológico ou de palavras de ordem nas *Memórias do cárcere*. Antes, penso que esta leitura, no encontro de Kafka com Graciliano nos faz *maquinar de que modo* poesia e revolução conjugam-se para desarmar as colonizações do *Eros* burocrático, do fascismo larvar, da subjetividade burguesa que historicamente enraiza-se nas fileiras da revolução. Além de proliferar linhas de fuga e ativar comunas autogestionárias do trabalho e do desejo nas fábricas carcerárias, que inevitavelmente vão implodirem *de dentro* os tentáculos do aparelho de Estado.

Pode soar como heresia querer descentrar este *dentro* de Benjamin, até porque, é um *dentro* que despedaça as formas e circula pelo social. Desloca o texto literário para habitar a cultura e seus modos de vida. Enfim, a heresia pode ser considerada se colocarmos em relevo que existe uma tensão, uma fricção nestes vinte anos passados entre a crítica cultural e a crítica literária. Nesse aspecto, para Osmar Moreira¹⁹² está em jogo o seguinte:

De um lado um procedimento judicativo, seja em seu viés estético ou sociológico, preocupado em afirmar e conservar a literariedade dos altos textos literários contra o chamado lixo cultural disseminado pelos *mass media*; de outro, uma atitude intempestiva, rebelde, e muitas vezes sem a menor consequência, em relação à produção literária e cultural do alto modernismo. Isso tem gerado uma série de falsos problemas (flutuação dos signos *versus* descrição exata do real; a morte do sujeito *versus* a consciência de classe; a miséria da teoria *versus* a ficcionalidade da história, entre outros) e esses falsos problemas têm enfraquecido enormemente a emergência de novos consensos, novos roteiros para um trabalho revolucionário no campo cultural. (MOREIRA, 2008, p.4)

Nessa linha de pensamento, se um encontro entre Kafka e Graciliano Ramos é capaz de espanar a poeira das *Memórias do cárcere* e abrilhantá-la com purpurina, também possibilita um maquinismo do texto literário capaz de abrir limiares, capaz de ramificá-lo nas malhas da (contra) cultura e, sobretudo, como lugar em que a vida possa esconjurar a infâmia e ter uma existência mais alegre e intensa. Por isso, quem teria o disparate de afirmar que *Gregor Samsa*, uma máquina, o vômito de um

¹⁹² MOREIRA, Osmar. *Subalternos agrestes e seus cordéis encantados*. IN __XI Congresso Internacional da ABRALIC: tessitura, interações, convergências. USP, São Paulo, Brasil. 13 a 17 de Julho de 2008.

condenado e o sussurro de um aborígene possuem um espírito? Surgir e desaparecer repentinamente, de que lugar esses seres saíram? De onde ecoam seus ruídos? Penso que eles são imprevisíveis e universais. E isto implica afirmar que eles são *zonas autônomas temporárias*, fazendo acontecer um *Vietnã* em cada esquina, em cada rua, em cada gueto.¹⁹³ Pode surgir em qualquer lugar: prisões, manicômios, fábricas, colégios, orfanatos, famílias, etc., sua musicalidade é a dos “E”, arruinando as formas, as previsões, os mandamentos, ou seja, tudo o que é rijo e sólido. Nesse sentido, além da ficção *Kafkiana* permear as dobras das *Memórias do cárcere*, associa-se ao terceiro-mundo e seus bastardos monstros literários. Ramifica-se no considerado lixo cultural literário como o rap, os diários de detentos, com as paredes rabiscadas dentro das celas dos *Carandirus*. Sem falar, que podemos descentrar a literatura para o texto oral engendrando um efeito cinético: *Kafka-aborígene-Gregor-condenado-sussurro-vômito* intensificando a mitologia grega de *Cronos* que devora, falece, morre e vive infinitamente, só que agora difamado pela sonoridade da garganta infernal de uma mendiga, *Estamira*¹⁹⁴: Kafka torna-se “trocadilo”, sentido revolucionário, flutuante, nômade, coletivo, menor.

¹⁹³ BEY, Hakim. *Zona autônoma temporária*. Trad. Patrícia Décia e Renato Resende. Coletivo sabotagem: contra-cultura.

¹⁹⁴ PRADO, Marcos. *Estamira*. Documentário. Brasil: Rio filme/Zazem produções Audiovisuais, 2006. Duração 115 min.

7. Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2006.

ANDERS, Günther. *Kafka pró e contra: os autos do processo*. Trad. de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Trad. de Teixeira Coelho. São Paulo: Max Limonad, 1987.

BAKUNIN, Michail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário/Nusol/Soma, 2000.

BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da Modernidade: notas sobre a historicidade da lírica moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. *Obras estéticas: filosofia da imaginação criadora*. Trad. de Edilson Darci Heldt. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Trad. de Carlos Nejar. Porto Alegre: Globo, 1972.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Maria Jacintha e Antonio Quadros. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Trad. de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *Demônios a teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CORTÁZAR, Júlio. *Histórias de cronópios e famas*. Trad. Glória Rodríguez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Valise de Cronópio*. Trad. de Davi Arriguci Jr e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Trad. de Luiz Orlandi. São Paulo: Campinas, 1991.

_____. *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Lógica do sentido*. Trad. de Luiz Roberto Salinas Fontes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. de Maria Beatriz Marques. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Recordação da casa dos mortos*. Trad. de José Geraldo Vieira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1971.

_____. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. Nietzsche, Freud e Marx. In: *Theatrum philosophicum*. Trad. de Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1987.

_____. *Vigiar e Punir*. Trad. de Raquel Ramalhet. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. de Suely Rolnik. São Paulo, Editora brasiliense, 1981.

HOISEL, Evelina. *Supercaos: os estilhaços da cultura em Panamérica e Nações Unidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ÍTALO, Calvino. *As cidades invisíveis*. Trad. de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

KAFKA, Franz. *A metamorfose /O veredicto*. Trad. de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.

_____. *Carta ao pai*. Trad. de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2004.

_____. *Na colônia penal*. Trad. de Modesto Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *O Castelo*. Trad. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *O processo*. Trad. de Torriere Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2005.

KROPOTKIN, Piotr. *A questão social: o humanismo libertário em face da ciência*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre.S/D.

_____. *As prisões da Europa*. Rio de Janeiro: Ed. Imaginário-nusol.S/D.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LENIN, Vladimir Ilitch. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Trad. de Luiz Fernando. São Paulo: Símbolo, 1978.

LEVY, Primo. *Se isto é um homem*. Lisboa: Editorial Teorema, S/D.

LOPES, Cássia. *Um olhar na neblina: um encontro com Jorge Luís Borges*. Salvador: Secretaria de cultura e turismo, Fundação cultural, EGBA, 1999.

LÖWY, Michael. *Franz Kafka: Um sonhador insubmisso*. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2005.

_____. *Redenção e utopia: judaísmo libertário na Europa Central*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Companhia das letras, 1989.

MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Organização tradução e notas de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MALATESTA, Errico. *Anarquia*, São Paulo: Imaginário-NUSOL/Soma, Coleção escritos anarquistas, 1999.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. 2ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MOREIRA, Osmar. *Subalternos agrestes e seus cordéis encantados*. IN __XI Congresso Internacional da ABRALIC: tessitura, interações, convergências. USP, São Paulo, Brasil. 13 a 17 de Julho de 2008.

_____. *Folhas venenosas do discurso*. Salvador: UNEB, Quarteto. 2002.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na época trágica dos gregos*. __in: *Coleção Os pensadores: Pré-Socráticos*. Trad. Carlos A.R. de Moura. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999. p.127-138.

_____. *A Origem da Tragédia: Proveniente do espírito da música*. São Paulo, Madras, 2005.

_____. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

ONFRAY, Michel. *A política do rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAZ, Octávio. *Pensamento em branco*. __in: *Convergências: Ensaio sobre arte e literatura*. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PÉLBART, Peter. *O corpo, a vida, a morte.*__in: *Kafka, Foucault: sem medos*.Org. Edson Passetti. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PRADO, Marcos. *Estamira*. Documentário. Brasil: Rio filme/Zazem produções Audiovisuais, 2006. Duração 115 min.

QUINTANA, Mário. *Quintana de bolso: rua dos cataventos & outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros Heróis*. 7.ed. São Paulo, Martins, 1970.

_____. *Angústia*. 10.ed. São Paulo, Martins, 1968.

_____. *Infância*. 3.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

_____. *Linhas Tortas*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Memórias do cárcere* [supervisão e posfácio pelo professor Wander Melo Miranda]. 44ªed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *Vidas Secas*. 4.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo*, São Paulo: UNESP, 2000.

RANCIERÉ, Jacques. *Selvagem Inocência*. Revista Cult. 83, Ano VII, Ago, 2004.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo II). Trad. Marina Appenzeller. São Paulo, Loyola, 2006.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. 4ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora Unb, 2002.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo, Edusp, 2007.